Alquimista por Acaso

Francisco Ferreira

Publicado originalmente sob o pseudônimo de Mr. Smith

Este livro revela alguns dos mais secretos mistérios da alquimia através de uma bela e edificante história, mostrando que os maiores segredos do universo estão ao alcance de todos os homens que buscam a realização dos seus sonhos e que trabalham sabiamente para aperfeiçoar seus dons inatos.

3ª Edição

Março de 2006

O livro

Paulo é um jovem conturbado que vive em busca de um sentido para a vida. Diante dos percalços que surgem nos caminhos de seu tortuoso destino, procura refúgio no vício do álcool, agravando cada vez mais sua angústia existencial. Tudo Parece estar perdido para ele até àquela manhã num banco qualquer da rua XV, em Curitiba, quando um homem misterioso chega até ele falando sobre tesouros encantados e enterrados no meio de uma floresta. A partir dessa conversa, que dura algum tempo, o jovem é convencido pelo estranho senhor a partir em busca de uma promessa de prosperidade, sem imaginar que iria encontrar riquezas que não esperava através de meios mágicos e misteriosos que viria a vislumbrar através do contato com as poderosas energias da natureza.

Este livro revela alguns dos mais secretos mistérios da alquimia ocultados ao longo do tempo daqueles que eram julgados indignos do conhecimento. Através de uma linguagem clara e acessível, mesclada numa história de rara beleza, rasgará os últimos véus do misticismo e mostrará ao leitor que os maiores segredos do universo estão ao alcance de todos os homens que buscam a realização dos seus sonhos e que trabalham para aperfeiçoar seus dons inatos. O leitor viajará com

o jovem Paulo, a partir do seu encontro sobrenatural na rua XV. E, baseado na promessa de um tesouro profano, será estimulado, como o personagem da história, a buscar o tesouro oculto que todo homem tem dentro de si mesmo. Mistério, sobrenatural, emoção e sabedoria serão os sentimentos que acompanharão o leitor no decorrer da leitura deste livro altruísta.

O Autor

O autor, Francisco Ferreira, que nos seus livros usa o pseudônimo "Mr. Smith", estuda as leis universais que regem a vida humana desde 1989. Fez diversos cursos sobre parapsicologia, neurolingüística e poder da mente. Publicou três livros sobre estes temas: "A Magia do Poder Mental (1994)"; "Manual do Autoconhecimento (1997)" e "Como Utilizar o seu Infinito Poder Criador" (1998). Em 2003, publicou através da Internet, seu primeiro livro de ficção "Vivências de um Aprendiz". O livro foi lançado em formato eletrônico e desde então começou a despontar entre os melhores alcançado o primeiro lugar em quatro bibliotecas virtuais. Alquimista por Acaso – com certeza, vem consolidar a sua carreira como escritor de ficção. O Autor ainda é criador e mantenedor do site A Casa do Aprendiz, um verdadeiro portal para o conhecimento esotérico com mais de 250 páginas de conteúdo altruísta e inspirador. O link para o site encontra-se no rodapé das páginas deste livro.

Ocorrem coisas na vida da gente que ultrapassam todos os limites de nossa compreensão e entendimento. Jamais imaginei que aconteceria comigo um fato tão estranho e misterioso que pudesse transformar minha vida da maneira como ocorreu. Trata se de uma experiência fantástica, diria até sobrenatural, vivenciada por mim há alguns anos atrás, que mudou drasticamente os rumos de minha vida para melhor, em todos os sentidos, conforme os fatos que passo a narrar a seguir.

Sempre fui um bocado sonhador na infância e na adolescência, assim como todo e qualquer garoto que se preze. Entretanto, assim que atingi a idade de dezoito anos, todas as ilusões feneceram, mediante a dureza da vida de um garoto pobre, vindo de origem humilde. Tive que trabalhar, e muito, desde cedo para ajudar no sustento da família.

Vivíamos num pequeno sítio em Nova Olímpia, uma pequena cidade do noroeste do paranaense. Foi dali que meu pai tirou o sustento dos três filhos – eu e mais dois – numa labuta insana, durante muito tempo, cultivando uma lavoura cafeeira. Éramos, razoavelmente felizes quando pequenos, não obstante, vivêssemos modestamente. Enfim, nunca passamos grandes necessidades. Mas, o homem cresce na idade, os tempos e as suas necessidades também mudam de natureza e tamanho. E, não é necessário que para isso concorra qualquer acontecimento especial, senão o natural amadurecimento para a vida.

Para mim, tudo começou a mudar desde cedo, na década de oitenta, quando eu estava entrando na

adolescência, já tendo completado meus treze anos. Nadar naquele poço do rio Bandeira, junto com a molecada ou caçar de estilingue, atirando pedras nos pássaros ou construir as arapucas e armá-las no meio da roça, já tinham perdido o colorido especial que todas essas brincadeiras têm, durante a infância de um menino da roça. Tudo isso agora já não era mais importante. Eu estava começando a descobrir a vida e o mundo, fora dos limites do nosso sítio. E, como se não bastasse todas as mudanças que a idade provocava em interior, agora ela também me fazia ter uma melhor compreensão da vida, além de me dar uma melhor visão do que acontecia no mundo lá fora. Eu estava deixando de viver apenas o meu mundo e começando a viver o mundo de todos, de casa, do bairro, da cidade. Percebi que estávamos enfrentando uma crise. Meu pai, como todos os que se dedicavam à cultura do café, estava numa encruzilhada do destino. Ele e tantos outros que conseguiram vencer a praga da ferrugem que atacava os cafezais na década de 60 e a cada geada se refazia com esforço de gigante, desde a geada de 75 não conseguira uma situação de conforto no cultivo da terra. O nosso mundo estava mudando e mudando rapidamente. Todo

mundo estava abandonando a cultura do café, que já não era mais o filão de ninguém. Depois dos anos de vacas magras, enfrentados pelos cafeicultores, meus pais tiveram que seguir o exemplo de seus amigos e, com muita incerteza e desesperança, tiveram de por fim aos cafezais. Não era mais possível sobreviver à custa da lavoura cafeeira.

A partir de então, nosso pequeno mundo se desmoronou. A nossa pequena propriedade já não mantinha o sustento da família. Então, entrei para a juventude passando por maus pedaços. A alternativa seria trabalhar na cidade para completar o orçamento. O problema é que em cidade pequena, do interior, não existia emprego para tanta gente. Assim, foi ocorrendo um enorme êxodo rural naquelas bandas. Todos, assim que podiam, fugiam para as grandes cidades e, a região, em pouco tempo ficou totalmente desolada.

Enquanto isso, eu estava mudando internamente. Externamente meu mundo mudava e mudava o mundo de todos. O tempo passava como uma torrente de inundação levando a todos para rumos incertos e ignorados. No ano de 1991, ao completar 18 anos,

chegou a minha vez de procurar o meu rumo. Não tinha mais condições de permanecer ali.

Por esse tempo, instalou-se na nossa pequena cidade de Nova Olímpia uma empresa do ramo de confecções. Ela apareceu como uma dádiva dos céus e, foi desde então, a maior fonte de emprego da região, alimentando as esperanças daqueles que não mais conseguiam sobreviver na lavoura. Mudamo-nos para a cidade e procuramos nos inteirar do ofício. Eu e a Miriam, minha irmã mais velha tivemos mais sorte. Conseguimos o emprego. Meu irmão Thiago precisou ficar ajudando meu pai na lida com o sítio que agora havia se transformado em área de pastagem.

Trabalhei por mais de dois anos na empresa como costureiro. No começo tinha um certo preconceito contra aquele trabalho, pelo fato de ser homem, mas depois, como a maior parte dos funcionários era do sexo masculino e todos na cidade achavam normal trabalhar na fábrica, aceitei o ofício com resignação. Afinal, era um trabalho honesto, além de ser o ganha pão de muitos cidadãos humildes, desempregados do meio rural da região.

Entretanto, não demorou muito tempo para que eu delineasse novas perspectivas para minha vida. O salário de costureiro era muito baixo. A metade era destinada para colaborar com o sustento da família e o restante era para uso próprio. Assim, muito antes do mês findar o dinheiro já tinha acabado.

Enquanto estive trabalhando na fábrica, fiz amizade com um mecânico industrial que fazia a manutenção das máquinas da fábrica. A profissão dele me interessou. Primeiro porque ela tinha tudo a ver com trabalho de homem e, segundo, porque fiquei sabendo que o ganho dele como mecânico, somava três vezes o meu salário. Conversa vai, conversa vem, durante suas visitas à fábrica, cheguei à conclusão de que eu levava jeito para a coisa e decidi que iria aprender aquela profissão.

Segundo o Sérgio – esse era o nome do mecânico – eu teria que me mudar para a cidade de Cianorte, cidade sede da empresa, para que tivesse acesso aos cursos de mecânica industrial para iniciantes. Esses cursos eram patrocinados pelos empresários do ramo de confecções, em parceria com o poder público municipal. Assim ficamos combinados que, quando

abrissem novas inscrições para o curso, o Sérgio me avisaria por telefone e eu me mudaria para Cianorte.

Cerca de três meses depois, lá estava eu, numa pequena pensão da cidade em busca de uma perspectiva de melhorar a vida. Como já tinha uma boa experiência como costureiro, foi muito fácil arrumar emprego em uma das muitas confecções daquela cidade que já era conhecida como a capital do vestuário naquele tempo.

De igual maneira, com a ajuda do Sérgio também foi muito fácil ingressar-me no curso de mecânico industrial. Difícil foi suportar a solidão num mundo que até então era novo para mim. Longe da família e dos colegas de infância, a saudade começou a bater forte. Convivi durante minha infância e adolescência no seio da família e cercado das mesmas pessoas de sempre, na pequena cidade de Nova Olímpia, onde quase todos me conheciam e eu conhecia quase todos. Tanto os familiares quanto os amigos, eram pessoas que faziam parte do meu mundo desde que nasci. Laços profundos de amizade e solidariedade nos uniam. E, não era fácil cortar tais laços, definitiva e repentinamente. Enquanto estive em Cianorte, esperava ansioso que chegasse o

fim de semana para que eu pudesse voltar para junto dos meus. De um trecho da estrada ainda muito distante, era possível avistar no horizonte a minha cidade. Bastava enxergar a silhueta dos prédios e o tom avermelhado dos telhados das casas, para que começasse a me sentir em casa. Era essa sensação gostosa de ser mais eu mesmo, internando para dentro do meu mundo, que me levava de volta pra casa todos os fins de semana. Foi essa experiência, repetida tantas vezes, que me fez sucumbir diante da angústia trazida pela solidão, longe de casa. Bastaram apenas dois meses para que a saudade fizesse germinar e amadurecer a decisão de voltar para casa.

E, lá estava eu, de mala e cuia, voltando de novo para a pequena Nova Olímpia. Estava decidido e conformado com o retomar daquela vidinha de antes. Em casa podia faltar muita coisa, mas não faltava aquela alegria que só o contato da família e dos velhos amigos podem proporcionar. Entretanto, nem me passou pela cabeça pensar que, a partir do momento em que tomara conhecimento de um mundo novo, seria difícil permanecer no mundo de outrora. Fiquei fora do meu mundinho por pouco tempo, mas foi o suficiente para

enxergar novos horizontes, tomar consciência da existência de outras opções e outras oportunidades. Certamente que agora, em casa, já não me sentiria tão feliz, tão sossegado quanto antes. Percebi isso logo nos primeiros dias depois que retornei. Sentia-me desassossegado, naquele mundinho confinado, porque agora tinha consciência de que existiam outros horizontes maiores e mais promissores. E, afinal eu queria ser alguém. Eu queria ter sucesso. Eu queria ser feliz.

Angustiado, me dei conta de que havia me atirado numa armadilha que eu mesmo criara, quando rompi a casca do ovo e saí do meu pequeno paraíso e os meus olhos se depararam com um outro mundo. O coração me amarrava aos meus parentes e amigos, enquanto a razão mandava eu ir embora de novo, em busca da realização daqueles sonhos de grandeza, que a visão de novos horizontes me proporcionaram. Ainda nem havia realizado o sonho de me tornar um mecânico de máquinas e já acalentava muitos outros, agora bem mais grandiosos. Não conseguia mais aprisionar meus sonhos dentro dos limites daquela pequena cidade.

Quis novamente voltar a Cianorte para continuar meu curso de mecânica industrial. Não consegui a mesma boa vontade do amigo Sérgio como aquela com que ele havia me auxiliado na minha primeira tentativa. Certamente que ele não tinha tempo para perder com garotos indecisos, que não sabem o que querem. Foi isso mesmo que ele me disse quando falei com ele no telefone, buscando novamente ajuda. Porém, ele ainda foi gentil e me informou que não havia previsão para o início de um novo curso de mecânico de máquinas. Sua franqueza, entretanto, me ajudou a tomar consciência de que deveria procurar um outro caminho.

Para me desvincular do meu velho mundo de uma vez, senti que precisava ir bem longe. Nova Olímpia e Cianorte são cidades muito próximas e esse fato não ajudaria em nada no meu intento. Era preciso quebrar os vínculos definitivamente. Assim, o correto seria partir em busca da realização de meus sonhos num lugar mais distante.

Nessa época, soube de algumas histórias de muitos jovens como eu que conseguiram se dar bem na capital do Estado arrumando um bom emprego. Resolvi que iria tentar a vida na cidade grande. Curitiba poderia

ser um lugar ideal para romper de vez os laços com meu velho mundo, ao menos, era bem longe e seria impossível, ainda que quisesse, voltar pra casa todo fim de semana.

Naquela noite fria de inverno que eu jamais hei de esquecer, sem dinheiro e sem nenhuma formação e experiência profissional, parti para a capital paranaense, motivado pelas histórias que os outros contavam e pela propaganda que, constantemente, apresentava Curitiba como a cidade maravilhosa com um baixo nível de desemprego e de uma boa qualidade de vida.

Ledo engano! A realidade nua e crua se apresentou em pouco tempo para mim. Eu não tinha as oportunidades que imaginava. O curso médio - na época chamado Segundo Grau – que eu havia feito não tinha o valor que eu imaginava. Todos os empregadores queriam jovens com experiência.

Como eu tinha contas a pagar, visto que morava com outros migrantes do interior em uma modesta pensão, agarrava-me no primeiro emprego que aparecia. Assim, fui levando a vida durante mais de dois anos na capital. Aqueles sonhos de grandeza e ambição foram

aos poucos se desvanecendo até exaurir todos os resquícios de minha auto-estima.

Diante de todas as amarguras e precariedades que a vida me apresentava foi se instalando em mim uma frustração e uma tristeza imensa. Não demorou muito para que me tornasse um alcoólatra. Percebi que, após tomar uns tragos, o mundo me parecia melhor e eu próprio me parecia melhor e capaz de enfrentar todas as adversidades da vida. Mas percebia, também, que estava virando um bêbado. Não era um bêbado indolente, mas sentia que a bebida aos poucos ia se apoderando de mim e no fundo sabia que esse seria o meu fim. Perdi o último emprego por causa da bebida, assim como perdera outros antes, nos último seis meses, por esse mesmo motivo. Passava noitadas em bebedeiras com a "turma". No outro dia, quando não faltava ao serviço, chegava atrasado ou a produtividade ficava muito aquém do esperado. Ainda não entendera que estava vivendo num mundo capitalista e globalizado onde, para se dar bem, o cara tem que ser produtivo ou criativo. Eu, que não desenvolvera minha criatividade, agora estava perdendo minha produtividade. Nesse caminho a demissão fica a um passo. Gerou-se um conflito interno

muito grande em minha mente, visto que minha família, apesar de humilde, havia me ensinado valores elevados e sublimes que se contrapunham a todas as minhas atitudes naqueles últimos tempos. A essa altura, os meus sonhos pareciam cada vez mais distantes diante da dureza da realidade.

Não demorou pra que eu estivesse aumentando com mais um algarismo as tristes estatísticas do desemprego, depois da última noitada. No dia seguinte, quando acordei, o relógio estava marcando, implacavelmente, dez horas da manhã. Pensei: agora não adiante lastimar o leite derramado. Levantei-me e fui até o centro dar um "rolê" - como se dizia na gíria da época, quando se saía de casa apenas para zoar – única opção de quem não tem dinheiro pra gastar. Mas, eu ainda tinha algum e logo mais ia entrar o dinheiro da rescisão de contrato. Após tomar dois conhaques, somados a algumas cervejas para afogar as mágoas que feriam meu ego, fui para a rua XV. Só pra ver a vida passar.

Estava um pouco tonto pois a briga do conhaque e da cerveja no estomago, repercutia na minha cabeça. Sentei-me num dos bancos e fiquei observando e

filosofando, como podia, sobre os contrastes da metrópole. Riqueza e miséria eram duas faces de uma mesma realidade que se apresentava a mim. Misturavam-se pessoas bem vestidas de paletó e gravata, com uma pastinha na mão, andando depressa, bem sabendo o que queriam e para onde iam; estudantes indo vindo das escolas em grupos fazendo algazarras; garis uniformizados fazendo a limpeza da rua; catadores de papéis com suas roupas em frangalhos com carrinhos lotados de carga mal-arrumada compondo uma imagem grotesca; pedintes estendendo a mão para os transeuntes e velhos aposentados que ali, também, estavam, merecidamente, observando a vida passar. Naqueles grupos que se misturavam, eu sabia muito bem em qual deles estava prestes a me encaixar. E, como isso me doía na minha alma. Olhando tudo aquilo, comecei a lembrar dos meus sonhos de progresso. Sonhava em crescer na cidade grande, ajudar meus familiares. Enfim, tudo aquilo que se passa pela cabeça de todos os humildes e excluídos do mundo, quando partem do interior para uma grande metrópole. Lembrava-me de quanto eu era feliz enquanto não ousei romper a casca do ovo e sair do

ninho protetor, que é o seio da família, em busca de novos mundos. Recordei-me dos demais irmãos que ainda permaneciam ao lado de meus pais e dos velhos amigos, felizes em seu mundinho fechado e restrito. É um mundo muito pequeno na verdade; mas é um lugar seguro. Caí no mundo em busca de uma felicidade maior e estava aprendendo a duras penas que a vida é cruel se não se está preparado para enfrentá-la. Ela não dá chance.

Estava pensando em tudo isso quando, de repente, senti a presença de uma pessoa sentada ao meu lado. Tratava-se de um senhor em idade avançada aparentando uns setenta e poucos anos que, muito próximo de mim, olhava-me continuamente de relance. Como é de costume na cidade grande, "fiquei na minha". Não me importei com sua presença, até o momento em que ele puxou conversa comigo.

- Bom dia meu jovem!

- Oi! – respondi em tom áspero e virei me para o outro lado.

- O que o aflige rapaz? Você me parece triste! Sinto uma profunda tristeza em seu olhar – insistiu o homem.

Estava pra mandar aquele homem me deixar em paz e "ficar na dele", mas lembrei-me do que havia aprendido, na infância, com a minha família, sobre como tratar as pessoas mais velhas. Aquele senhor não era culpado pelos meus aborrecimentos. Engoli a seco a minha grosseria, adquirida na cidade grande, e sentindo-me incomodado e um pouco envergonhado, me propus procurar outro lugar para ficar em paz. Antes que saísse o homem continuou sua investida, e dessa vez em tom mais direto. Ele, de fato, queria me provocar.

- Sei o que o aflige garoto. Você é mais um desses migrantes que vêm do interior com muitos sonhos de realização; sonhos que, em pouco tempo, se transformam em pesadelo. - Acertei?

- É verdade - respondi, já começando a me interessar pelo diálogo e perdoar a chatice do velho. Pareceu-me que ele seria um bom ouvinte para os meus lamentos. Mas ele nem deu tempo pra eu começar a falar e já foi acrescentando:

- Na maioria das vezes os sonhos são ofuscados pela dureza da realidade que o mundo nos apresenta – disse. Não é só aqui na cidade grande. Seus pais e todos aqueles chacareiros que foram acometidos pelos

desastres que assolaram a agricultura nos últimos tempos, foram também derrotados pelo espírito do desânimo.

- Como pode dizer isso se não conhece o meu pai ou meu passado?

- Estou dizendo isso porque de uma maneira geral isso acontece com todas as pessoas que desistem dos seus sonhos. Se todos aqueles agricultores não tivessem desistido tão facilmente, tudo podia ser diferente. Ao permanecer com entusiasmo diante das dificuldades, a vida sempre apresenta uma saída favorável. Estou lhe dizendo isso porque li, na sua postura e semblante, que você está desistindo de todos os seus sonhos, da mesma forma que o fizeram aqueles agricultores, quando se concretizou o declínio da cultura cafeeira.

Aquele homem já estava me deixando inquieto. Falava como se já me conhecesse. Como se estivesse lendo meus pensamentos. Resolvi desafiá-lo.

- O senhor não sabe de nada – respondi-lhe. É uma pessoa de posses como bem se pode observar pelos seus trajes e pelo seu modo de falar e...

- Engano seu – interrompeu-me ele secamente – fui, num passado muito distante, um migrante humilde e desesperado, assim como você. Morei perto de sua cidade. Sou de Cianorte, uma cidade do noroeste do Estado que bem deves conhecer.

Aquelas palavras me fizeram estremecer. Nada eu havia revelado a ele da minha origem. Parecia que ele estava mesmo, lendo meus pensamentos.

- Conheço muito bem Cianorte – respondi prontamente. Morei por algum tempo numa pensão e...

- Você estaria bem melhor do que hoje se fosse persistente e se aprofundasse naquilo a que se propôs aprender. No entanto, teve que voltar ao ninho para tomar consciência que não era mais um filhote e que aquele não era mais o seu lugar.

- Que é isso – falei de súbito – como ousa falar de coisas que deduz saber a meu respeito?

- Não estou deduzindo – disse o homem. Sei de muita coisa que você nem imagina. Sei que você nasceu em nova Olímpia em 1973, que cresceu no sítio de seu pai brincando pelos cafezais e pescando e nadando no rio Bandeira, com os seus colegas, durante o verão. Lá é

quente demais no verão e não há quem rejeite um mergulho naquelas águas cristalinas e refrescantes.

Um calafrio percorreu a minha espinha naquele momento, como se eu tivesse levado um choque elétrico. Estava diante de um homem que conhecia meu passado. Fiquei atônito! Mil coisas se passaram por minha cabeça naqueles segundos até que fiz uma dedução mais lógica. Imaginei que fosse uma brincadeira de mau gosto. Olhei para os lados para ver se havia alguém da minha turma por ali. Costumava contar minhas vivências aos amigos. Era também uma forma de matar a saudade. Alguém da minha turma podia ser conhecido do velho e lhe ter contado da minha vida. Agora, ele me encontrando, estava querendo "tirar uma onda" pra cima de mim.

- Não adianta pensar bobagens, Paulo. Você está diante de alguém que só quer ajudar. Aproveite esta oportunidade porque são pouquíssimas as pessoas que têm uma ajuda de forma tão direta, mesmo porque são também raras as pessoas dispostas a ajudar. Não perca seu tempo com dúvidas, pensamentos e ressentimentos. Tenho que ir logo embora. Meu tempo

é curto e você precisa me ouvir. Eu só estou aqui para ajudar você.

Realmente, eu já não estava entendendo mais nada. O cara sabia até o meu nome. Absolutamente sem palavras fui me deixando levar pela conversa daquele homem misterioso que me dizia coisas estranhas.

- Não sei como sabe destas coisas. Mas afinal, considerando sua idade avançada, creio que não é homem de brincadeiras. Onde quer chegar, senhor?...

- Moacir Pacheco – esse é meu nome – disse-me ele. Sou empresário bem sucedido aqui na capital. Entretanto, já fui humilde em outros tempos e assim como você, já caí na tentação de pensar em desistir dos meus sonhos. Fui ajudado por uma pessoa que me reergueu e me transformou no que sou.

- Como? – Inquiri. Deduzi que devia ter arrumado um bom emprego. É o que estou precisando hoje: que me confiem um bom emprego.

Não foi bem assim – disse-me ele. Confiou-me uma parte num tesouro que havia encontrado no meio de uma mata, às margens do rio dos índios que corta o município de Cianorte.

Não agüentei aquilo. Soltei uma imensa gargalhada.

- O que é isso? – disse. Já sou bem grande para ficar ouvindo contos de fadas. Tesouros não existem. Muito menos pessoas dispostas a dividi-los, se houvessem. Conta outra seu Moacir.

Imaginei naquele instante que aquele velho já estivesse meio caduco e não estava disposto a ouvir suas histórias fantasiosas. Fiz menção de me levantar, mas fui interrompido por uma ordem direta que denotava uma autoridade inquestionável.

- Espere aí, rapaz. Ouça o que vou lhe dizer. Depois você pode ir embora.

Sem ação, diante do seu semblante severo e insistente, acomodei-me novamente e o homem começou a contar sua história.

- Como estava dizendo antes de ser interrompido, fui ajudado por um amigo que me confiou uma parte num tesouro que havia encontrado no meio de uma floresta, auxiliado por uma pessoa, da mesma forma como estou me propondo a fazer com você. Em troca, o meu ajudante desconhecido fez uma única exigência: que eu desenvolvesse e multiplicasse a parte que havia

me confiado no tesouro não somente em benefício próprio, mas também em benefício da humanidade. E, por último, que eu repassasse as mesmas informações que me dera, a uma pessoa que eu descobriria, ser o beneficiário igual a mim, num momento de intuição. Deu-me algumas instruções com as quais em pouco mais de dois meses, levaram-me de fato ao tal tesouro.

- E que instruções eram essas Sr. Moacir?

De acordo com tais instruções, havia naquele local diversos baús enterrados. Entretanto o tal homem me alertou que os tesouros eram encantados pelos espíritos da floresta E, quem ousasse ser ganancioso perderia tudo o que havia adquirido. Apesar de saber que existiam vários baús, cada pessoa só teria direito a um único que, encontrado, deveria ser utilizado da forma que lhe aprouvesse, observando-se o cuidado de utilizá-lo estritamente para o desenvolvimento dos seus dons inatos e para realização dos seus nobres ideais na vida, além de sempre ser solidário aos demais seres humanos. Quem assim o fizesse, seria protegido pelas energias primitivas da natureza, que o ajudariam a multiplicar seu tesouro. Por outro lado; quem ousasse procurar além do que aquele primeiro baú que lhe fora

destinado, atrairia toda sorte de infelicidades e desgraças em decorrência de sua ganância inescrupulosa. Eu e meu amigo seguimos fielmente tais instruções e nos damos bem. Você pode seguí-las ou não, mas isso não compete a mim lhe estipular. Posso apenas falar de tais advertências que me foram transmitidas. Não sei verdadeiramente se a maldição é verídica. Entretanto nunca pensei em correr o risco. O tesouro a mim confiado foi o suficiente para que, trabalhando diligentemente, fosse multiplicado no decorrer de minha vida. Espero que você proceda da mesma maneira quando encontrar o seu.

O homem deu uma pequena pausa e sentenciou:

- Essa história encerra uma verdade que conto pra você sob forma de juramento de que ela é real. Existe um tesouro. Mas lembre-se de que estamos falando de um tesouro encantado. Não pense você que será tão fácil encontrá-lo. Realmente o tesouro só se revelará, no momento em que você se mostrar digno dele.

- Que história mais maluca essa – disse-lhe em tom deboche. Quer que eu acredite nisso?

- É meu filho – disse-me ele – como já dizia nosso bom Shakespeare: existem mais mistérios entre o céu e a terra do que imagina a nossa vã filosofia.

- E se eu lhe desse um crédito de confiança. Se acreditasse nisso tudo. O que me proporia? – perguntei-lhe em tom de gozação e desdém.

Indiferente às minhas sátiras o homem continuou falando em tom sério como se já houvesse me convencido dos fatos.

- Estou passando a você agora uma tarefa que tem um sentido duplo. Eu te ajudo, dando o caminho para um tesouro real e fabuloso e você, em contrapartida ajuda-me a cumprir um pacto a que me submeti em troca dele. Se você analisar profundamente, verá que estás me fazendo um grande favor. Ao passar-lhe os segredos para encontrar o tesouro, estou dando-lhe a chave para uma nova vida que consiste na realização dos seus sonhos mais caros, ao mesmo tempo em que tiro dos meus ombros um pesado fardo. Saiba que pagamos caro quando escondemos alguma coisa somente para nós. Quando não as usamos em benefício próprio e da humanidade ao mesmo tempo, exatamente como se apresenta na parábola bíblica dos talentos.

Eu estava completamente atordoado. Não sabia o que dizer diante daquela história insólita. Resolvi que não tinha absolutamente nada a perder.

- Pois bem qual é a sua proposta Sr. Pacheco? – Perguntei-lhe, com uma ironia propositada em minhas palavras.

- Estou falando, realmente, de um tesouro oculto que está escondido em uma fazenda que foi minha até a uns dez anos atrás, perto da cidade de Cianorte. Você tem que ir até lá, pedir emprego como peão e tentar, por todas as formas, achar o tesouro enterrado ao pé de uma árvore, numa área de mata nativa, que foi preservada por mim e por todos os meus precursores, a fim de preservar oculto o nosso achado.

- Como posso acreditar em tal história? E se o senhor estiver blefando e eu fazendo papel de tolo?

- Olhe bem para a minha cara garoto! Vê se eu tenho jeito de mentiroso e enganador! Em contrapartida à minha proposta, dou a você meu endereço para que venha cobrar, no futuro, a respeito do fato, se achar isso conveniente.

O pior é que o homem parecia ter razão, naquilo que falava. Sua aparência denotava uma seriedade impressionante.

- Mas de onde surgiu tal tesouro? – Indaguei. Afinal de contas o senhor não me disse como o encontrou. Como quer me fazer acreditar num tesouro oculto nos dias de hoje sem uma origem coerente.

- Não é necessário saber a origem meu rapaz. O que interessa é o que está lá – exclamou o homem.

- Não senhor – respondi. Tudo tem de ter uma explicação lógica. Se não me explicar essa história direito, como poderei acreditar no que me contou?

- Você não sabe o que está perdendo em duvidar de minhas palavras. Só não vou embora daqui porque sou muito persistente em meus propósitos e preciso te ajudar para desfazer-me de um pesado fardo que carrego.

- Então eu vou embora! – Respondi secamente, já me levantando para sair dali.

- Espera! – Disse-me o homem novamente com aquela autoridade convincente. Vou lhe contar tudo. Sente-se meu jovem.

Minha pressão havia surtido efeito. O que me intrigava ainda mais porque aquele homem parecia um ser predestinado a me ajudar, como se disso dependesse a sua vida.

E então, ainda que meio a contra-gosto, o senhor Pacheco passou a me contar uma estranha história de tesouros perdidos, dos tempos da colonização do Brasil.

- Séculos atrás - iniciou ele - bandeirantes, colonizadores, padres jesuítas e viajantes passavam por aquela região de Cianorte, demandando a região do Prata, em busca de ouro e pedras preciosas, mais ao sul do continente sul americano. A história conta que muitos metais preciosos que eram produzidos num lugar chamado de Serra Potosi, próxima das nascentes de um rio denominado Pilcomayo, na atual Bolívia. A prata dali retirada pelos espanhóis, era embarcada para a Europa, através dos rios Paraguai e afluentes do rio Paraná, que formam o tal rio da Prata. Entretanto, naquele tempo, já se fazia muito contrabando. Os contrabandistas utilizavam muito os ramais de uma trilha na mata, que foi construída e muito utilizada, também, pelos índios que habitavam a região.

- Já ouviu falar no tal "Caminho do Peabiru"? – perguntou-me.

- Sei de alguma coisa a respeito – respondi.

- Pois bem! Conta-se que um grupo de aventureiros vinha conduzindo, por essa trilha, um enorme carregamento de metais preciosos. Num determinado ponto, nas proximidades de onde está hoje está o município de Cianorte, esses aventureiros entraram em conflito com uma tribo de índios que por ali viviam, entre os rios Ivaí e Piquiri. Traziam pesados baús de cobre repletos de ouro, prata e pedras preciosas, que eram carregados por índios escravizados por eles e vinham de lá das bandas do Paraguai. Do conflito, resultou que os índios, que eram mais numerosos, conheciam melhor a mata, saíram vitoriosos na peleja e se apoderaram do precioso carregamento.

De posse daquele tesouro e sabedores do interesse dos europeus por aqueles materiais, os indígenas guardaram o ouro e a prata para as futuras barganhas com os brancos. E, sem ter noção do perigo que corriam, usaram as pedras preciosas para ornamentar suas habitações. Logo tais tesouros foram descobertos por outros desbravadores e a aldeia do grupo indígena passou a ser alvo constante dos ataques de aventureiros, com o fim de promover o saque

daqueles tesouros. Percebendo finalmente o perigo a que estavam sujeitos, os nativos enterraram todos aqueles baús, em um local demarcado, nas proximidades de sua aldeia.

Depois que foram descobertas as minas de ouro na região de Minas Gerais, toda essa região do Prata passou a ter pouco interesse para os aventureiros e bandeirantes. O tesouro, que pouca utilidade tinha para os nativos, ficou esquecido no lugar enterrado, por quase três séculos, sob a proteção dos espíritos da floreta e daqueles nativos que o enterraram.

Confirmando uma lei da natureza de que nada permanece oculto para sempre, um dia os espíritos protetores do tesouro revelaram, por acaso, tal segredo aos homens. O primeiro homem a encontrá-lo foi um migrante pioneiro que veio, como tantos outros, de todos os cantos do país, colonizar o norte e noroeste do Paraná, na década de cinqüenta.

Segundo conta a lenda, após um dia de trabalho no desmatamento, que era feito à mão com um machado, esse pioneiro trabalhador adormeceu exausto no meio da mata. Durante o sono teve um sonho no qual apareceu um ser travestido como um índio, tendo a

cabeça coberta de penas brilhantes, dizendo ser o protetor daquela floresta. E esse índio, no sonho, contou-lhe do tesouro que a mata trazia escondido. Falou-lhe, ainda, durante o sonho sobre os baús enterrados em um determinado local na mata e como devia proceder para mostrar-se digno de encontrar um deles. E, a primeira coisa a fazer, era parar, imediatamente, de derribar as árvores. Ao invés de fazer isso, devia passar a tratar a floresta, com respeito e veneração. Agindo assim, se ao final de três luas cheias, se mostrasse digno do tesouro, o mesmo ser-lhe-ia revelado através da intuição, que era considerada a oficina de Tupã.

Isso tudo pode não passar de uma lenda, porém, o fato é que devido a uma história como essa é que o tal homem tornou-se possuidor de uma riqueza imensa. Outros tiveram a mesma sorte e se enriqueceram rapidamente. Todos, porém, mantiveram, sob juramento, esse fato em segredo, o que, aliás, era uma das condições da revelação a que tiveram o privilégio. Por isso, um grande trecho da mata foi preservado naquela região até os dias de hoje. A preservação da mata era, também, mais uma das condições impostas pelo espírito

revelador do segredo do tesouro. E você vai poder constatar isso quando chegar lá. Verá que nas proximidades dos limites dos três municípios: Tuneiras do Oeste, Araruna e Cianorte, bem nas nascentes do rio dos Índios, há uma extensa floresta nativa, ainda intacta. Já se passaram mais de cinqüenta anos e eu fui um dos beneficiados pelo tal tesouro. Muito embora eu possa ser testemunha de tal história, não posso revelar a maneira como entrei em contato com a pessoa que me transmitiu tal conhecimento. Tampouco devo revelar como fiz para encontrar o tesouro. Cada um terá que buscá-lo de uma forma, absolutamente, pessoal. Através de seu procedimento é que vai se mostrar digno do merecimento de tal dádiva.

Mesmo incrédulo diante daquela história fantástica, resolvi questionar o homem. E indaguei-lhe sobre quantos baús havia sido encontrados e quantos ainda restavam enterrados na mata.

- Como já lhe disse antes – continuou o homem - cada pessoa que se mostre digna de tal merecimento diante da Providência Divina, é informada da existência de vários baús. Todos estão próximos um do outro, como fosse a propósito de fazer uma tentação e

submeter o escolhido, até aquele ponto, a um último teste. Assim porque, em hipótese alguma, se deve pretender descobrir mais do que um. Aquele que fizer isso será amaldiçoado por sua ganância e perderá tudo, inclusive a própria vida, como já lhe disse antes. Essa será a provação final. Em sendo superada essa provação, a parte do tesouro encontrada suficiente para que se façam chover as bênçãos dos céus, em sua vida, como você espera. E, isso é só e tudo o que tenho pra dizer a você - concluiu.

Comecei a me lembrar das muitas histórias sobre os tesouros ocultos que meus pais contavam. Não há, dentre os que chegaram no Norte do Paraná, no tempo do pioneirismo, que não ouviu contar uma história de tesouro enterrado ao pé de árvores ou nas proximidades de uma queda d´água. Acontece que durante os primeiros séculos da colonização, a região foi entregue à administração dos padres jesuítas espanhóis. Esses padres tinham mais aptidão para lidar com os índios e tiveram muito sucesso no seu trabalho de catequese. Criaram muitas missões às margens dos rios Tibagi, Ivaí, Piquiri e Iguaçu. Porém, no século XVIII, a região das missões passou para o domínio dos portugueses

que se desentenderam com os jesuítas e os expulsaram de seus domínios. Diz a história que os jesuítas tiveram que se retirar às pressas da áreas das missões, onde já tinham acumulado grandes riquezas. Fugindo das perseguições que se seguiram, eles carregaram consigo toda a riqueza que tinham, mas, aqui e ali, deixaram partes delas escondidas, na esperança de voltar para buscá-las mais tarde. Muitos desses tesouros foram abandonados de vez, permanecendo escondidos nas matas, à espera de quem os encontrassem.

Algumas estórias diziam que, para encontrar o tesouro, era preciso demonstrar coragem, indo cavar, no local determinado, na sexta-feira, depois da meia noite. Outras estórias diziam que o ouro era um metal encantado que ficava oculto na natureza. Só o encontrava quem seguisse determinadas regras em sua busca. Meu pai contava que os antigos mineradores costumavam cortar o dedo e pingar uma gota de sangue sobre as pedras de ouro que encontravam, como forma de quebrar-lhes o encanto.

Está bem que, ainda criança, acreditasse em todas essas histórias fantásticas e principalmente naquelas contadas por meu pai, mas depois que virei

gente grande, já não estava tão disposto a acreditar nessas coisas. Eram estórias, contos, lendas através das quais os mais velhos procuravam ensinar lições para os mais moços. Fazia parte da tradição, naquela época, quando, longe das cidades, no meio rural, ainda cheio de matas, não se tinha à mão as revistas, o rádio e a televisão. Era uma espécie de entretenimento útil porque através daquelas estórias, se procurava passar algum ensinamento para as próximas gerações.

Agora, aquele estranho estava, novamente, contando histórias de tesouros enterrados e encantados.

- Isso, de fato, não passa de lenda – disse finalmente ao homem - não existem mais os tesouros escondidos.

Engano seu meu jovem. Toda lenda esconde uma verdade.Uma lenda é uma maneira diferente de contar uma história verdadeira. Por acaso, você que já foi para a escola, já ouviu contar aquela lenda grega que fala de Teseu, o herói que enfrentou o Minotauro? Pois bem! Essa lenda esconde a verdade de que o Minotauro, na lenda, representa um povo que enquanto dominou os gregos exigiu deles pesados tributos. Até que Teseu, um

jovem e valente grego, apareceu para comandar seu povo na luta que culminou com sua libertação que é representada pela morte do monstro Minotauro. Garanto a você que existe ainda uma série de tesouros escondidos em todos os cantos da terra guardados, pelos poderes da natureza, dos olhos dos egoístas, avarentos e gananciosos. E, o tal tesouro, que eu falo, está lá. Eu garanto! Você foi um dos escolhidos, por forças que desconhece, para fazer-se digno desse mesmo tesouro. Aceite meu desafio. Você não tem muito a perder aqui na capital.

- E se eu topar. Quem me garante que o tal fazendeiro vai me empregar, ainda que seja, como ajudante? Ninguém dá emprego a um desconhecido – indaguei meio convencido da tal história.

- Mencione meu nome – disse o homem. Diga que foi eu que enviou você. Se pedir alguma prova diga estas palavras: QUERO APRENDER A CIÊNCIA INCOMUNICÁVEL. E não me pergunte o que significa isso porque não vou falar. Mesmo porque você não me compreenderia, por ora. É uma frase que pertence a mim e ao meu amigo fazendeiro. Ela é uma frase que estabelece entre nós um vínculo de respeito, estima e

amizade. Um dia, talvez, depois que encontrar seu tesouro, venha a entender o significado dessa frase.

- E seu eu resolver ir a busca do tesouro, o que tenho que fazer para achá-lo? Em que lugar da mata estão enterrados os baús?

- Isso eu não posso dizer. Só posso dizer que cada baú está enterrado ao tronco de uma árvore que produz frutos, como tantas outras, mas sendo você merecedor do privilégio da revelação, você vai reconhecê-la. Para encontrá-la, entre tantas outras, deixe-se guiar pela intuição que será desenvolvida através do contato com a natureza, segundo regras específicas que lhe transmitirei. Você deve olhar a natureza com uma profundidade com que nunca a tenha observado antes. Na verdade; não há tesouro oculto que não seja revelado se você reverenciar e respeitar as forças da natureza. Ela procura ajudar a todos aqueles que a tratam com respeito e admiração. É da índole da natureza servir ao homem. Sempre.

- E onde estão tais instruções?

- Não tenho nenhuma instrução por escrito comigo nesse momento. Você tem papel e caneta.

- Caneta sim. Papel, não tenho. Posso comprar um caderno naquela livraria logo ali e...

- Não! - Exclamou o homem. Meu tempo é curto. Apanhe um desses panfletos no chão e anote o que vou lhe transmitir no verso do mesmo. Não será muita coisa.

Apanhei um dos muitos panfletos jogados pelos transeuntes. De posse de caneta e papel, comecei a anotar as estranhas instruções ditadas pelo senhor Pacheco. Aproximadamente uma folha de papel com um texto separado em três tópicos que li sem nada entender.

- Não entendo o que querem dizer estas instruções – respondi ao final da leitura.

- Entenderá no momento certo – respondeu ele. Para interpretá-las você deverá contar com a ajuda das forças da natureza, mediante o desenvolvimento da intuição. O contato com a natureza revelará os segredos ocultos por trás destas linhas. Siga estas instruções ao pé da letra que a natureza irá lhe ajudar. No começo você ficará confuso. Garanto-lhe que se seguí-las com atenção, compreenderás o seu sentido oculto encontrarás o teu tesouro. Seu pai falava uma grande verdade quando afirmava que os tesouros ocultam-se de

quem não os merece. Tem que se mostrar digno de merecê-lo, respeitando sinceramente as forças da natureza. Esse é o segredo que abrirá as portas de um novo mundo para você através do qual você verá aquilo que ainda não é capaz de enxergar.

Mais uma vez o homem falava de coisas estranhas que eu não podia compreender. Sabia que aquilo não era uma situação normal. Entretanto resolvi novamente inquiri-lo sobre seus conhecimentos.

- Como sabe que meu pai contava essas histórias de tesouros encantados?

- Ora meu filho! Essas histórias são comuns a todos os homens do interior porque, no fundo, encerram grandes verdades. É como aquela lenda a que me referi agora há pouco – a do Teseu e o Minotauro. Um dia você compreenderá tudo isso. Você tem três meses para executar a sua busca ao tesouro. Sob a garantia de que não estou blefando, passar-lhe-ei o meu endereço, para que daqui a exatamente três meses, nesse mesmo dia do mês me procure. Estarei esperando você no dia marcado. Se não atingir seus propósitos recompensarei o seu tempo perdido.

- É o endereço do seu escritório?

- Não! É o endereço de minha morada. Um condomínio fechado para onde me mudei recentemente.

O homem passou-me o seu endereço também de forma oral para que eu o anotasse no papel e, sem dizer mais nada, levantou-se bruscamente despedindo-se.

- Tenho que ir agora. Até daqui a três meses meu filho.

Suas últimas palavras foram:

- Aprenda os segredos da natureza e encontrarás o tesouro. Que Deus o abençoe!

Abaixei momentaneamente os olhos para visualizar minhas anotações. Quando ergui os olhos o homem havia desaparecido instantaneamente. Busquei-o por todos os lados, mas já não o encontrei.

Levantei-me tonto e assustado com tudo aquilo que eu havia presenciado. Tudo à minha volta parecia flutuar. Acreditei ser o efeito remanescente dos conhaques e das cervejas que havia bebido. Parecia que o tempo tinha voado naqueles momentos em que conversei com aquele misterioso senhor. Olhei para o sol que já estava alto no horizonte. Provavelmente já passava do meio dia. Resolvi não beber mais nada. Iria

para a pensão para meditar sobre os fatos estranhos que havia presenciado na rua XV.

Passei o resto do dia e mais outros dois, isolado em meu quarto de pensão pensando naquele encontro. Não contei nada a ninguém segundo as instruções do senhor Moacir, conforme havia me pedido. Também sabia que ninguém jamais acreditaria se contasse aqueles fatos. Os colegas iriam dizer que eu estava bêbado. Zombariam de mim.

Uma semana depois da conversa com o senhor Pacheco, eu estava dentro de um ônibus, viajando em busca daquela promessa maluca de um tesouro enterrado ao pé de uma árvore, no meio de uma mata, na margem do rio dos Índios. Sonho? Fantasia? Loucura? Devaneio? No meu íntimo eu estava acreditando que fosse tudo verdade. Aquele homem me dera a informação e as orientações com tanta firmeza e convicção que a mim não restava dúvidas que aquilo tudo fosse real. Enquanto estive falando com ele e, agora, que me lembrava de seu semblante ao me contar a história, fui me convencendo de que ele fora sincero comigo. De repente, aquele sentimento de rejeição ao estranho desapareceu para dar lugar a um sentimento de amizade e solidariedade. Aos poucos fui me convencendo de que aquele homem inspirava confiança e tinha uma atitude honesta, coisa que antes eu só conseguia enxergar no meu próprio pai.

Chegando à Cianorte instalei-me em um hotel popular, um pouco melhor do que a pensão em que havia morado, algum tempo antes. Já podia me dar ao

luxo de me instalar melhor porque estava com a "grana pega", da última rescisão de contrato de trabalho, além de que mantinha firme a esperança de que, dentro em breve, colocaria as mãos no tesouro que estava enterrado, à espera de que eu o encontrasse. Decidi, que, de pronto, não iria à minha cidade natal. Não queria que os de casa e meus companheiros soubessem que estava ali tão perto. Certamente que iriam querer saber o motivo da minha volta e seria embaraçoso para eu contar a verdade para eles. Se eu contasse o meu verdadeiro motivo para estar ali, iriam, com toda certeza, acreditar que eu estava pirado. Iriam querer me internar num hospício.

Aproveitei o resto do dia para ficar no hotel descansando. Na manhã seguinte, acordei bem cedo e por volta das oito horas eu já estava no apartamento do fazendeiro. Ele mora na cidade onde também é empresário no ramo de confecções. Seguindo as instruções recebidas, eu lhe disse que estava procurando emprego e que vinha recomendado pelo senhor Moacir Pacheco. Contei-lhe da minha tentativa frustrada de sucesso na cidade grande e do encontro com tal senhor na rua XV. É claro que não falei nada

sobre o tal tesouro. Já havia decidido que essa história ficaria apenas entre eu e o Sr. Pacheco, até que ela fosse totalmente desvendada.

O fazendeiro – Sr. Ferrari - demonstrou um profundo interesse, quando me referi ao Sr. Pacheco. Disse-me que este senhor muito o ajudara, num passado distante, pelo que se sentia imensamente agradecido e, portanto, tinha boas recordações do convívio com ele. Essas informações soaram como música no meu ouvido. Reafirmaram minha confiança no Sr. Pacheco e a fé na descoberta do tesouro.

- Olha meu jovem – disse-me o homem - em nome da minha grande amizade para com o Sr Pacheco, poderia até lhe arrumar emprego na minha fazenda, mas como poderia saber que você está dizendo a verdade? O homem não me mandou nenhuma referência por escrito?

- Não, Sr. Ferrari, não trago referências por escrito.

- Me perdoe, mas sinto muito. É difícil para mim confiar um emprego a um desconhecido meu até ontem, que hoje se diz amigo de um amigo meu, que não vejo há tanto tempo! Isso você tem que convir.

Disse isso e já foi se levantando estendendo-me a mão em sinal de despedida, quando me lembrei que o Sr. Pacheco havia me recomendado uma espécie de senha e, então, fui dizendo: - o senhor Pacheco apenas mandou-me lhe dizer umas palavras meio esquisitas, caso não acreditasse que foi ele que me enviou. Ele me orientou a dizer-lhe: quero aprender a ciência incomunicável.

- O quê! – Disse-me ele em tom de espanto e admiração.

Fiquei contente. A tal frase havia causado um impacto profundo naquele senhor. Imediatamente recolheu a mão que estava estendida, sentou-se novamente na cadeira, retirou um lenço e enxugou o repentino suor que lhe surgiu à face.

- Repita-me o que disse rapaz. Acho que não entendi direito.

- É isso! Repeti conforme o Sr. Pacheco me recomendara: quero aprender a ciência incomunicável.

- Ah tá! - Disse-me ele, um tanto misterioso e calmo - você tem o emprego; não precisa dizer mais nada.

Fiquei assustado. Que sentido faziam para o Sr Ferrari as palavras daquela frase para que ele que, alguns segundos antes, estava quase me escorraçando de sua sala, sem muitas cerimônias, mudasse de idéia, tão de repente? Enquanto eu próprio me interrogava quis indagá-lo sobre o sentido de tais palavras. Entretanto, ele fez que não me ouviu e foi logo dizendo:

- Deixa pra lá! Ele me telefonou falando a seu respeito. Eu só estava testando você.

Não fiquei muito satisfeito com a explicação. Afinal ele havia acabado de dizer, com convicção que me fez acreditar, que perdera o contato com o Sr. Pacheco há muito tempo.

- É estranho que o senhor não tenha...

- Se quiser mesmo o emprego, a primeira coisa que tem que fazer é não duvidar da minha palavra – disse-me o homem em tom severo, sem me dar chance de continuar.

Deixa pra lá, disse pra mim mesmo. Já consegui o emprego, estou mais perto de encontrar o tesouro.

Dois dias depois daquela conversa eu já estava na fazenda, aprendendo a lidar com o gado, como ajudante de serviços. Sempre trabalhara na agricultura, mas

nunca lidei com gado, a não ser a nossa vaca de leite, o seu bezerro e o animal de tração para os serviços do sítio. Apesar de ter trabalhado boa parte de minha vida na agricultura, não tinha nenhuma intimidade, quando o assunto era a pecuária. Uma coisa é tirar o leite de uma vaca mansa; separar o bezerro dela pra poder tirar-lhe o leite na manhã seguinte; ou, atrelar um burro numa carroça. Não tem nada a ver com pecuária, onde se lida com um rebanho da raça nelore, animais ariscos, ágeis e brutos, cavalgando um cavalo que, da lida, entende mais que o cavaleiro. É, de fato, uma atividade ao mesmo tempo, rude, perigosa e melindrosa. Uma palavra, um trejeito fora de tempo e lugar é suficiente pra provocar um alvoroço no rebanho.

Comecei a ficar inquieto. A minha inquietação estava me conduzindo ao desânimo e já colocando um fim numa coisa que, ainda nem bem, começara. Comecei a pensar novamente que ali não era o meu lugar. O desânimo aumentou quando, pela primeira vez, fui visitar o trecho de mata, onde o Sr. Pacheco me havia dito que o tesouro estava escondido. Era muito maior do que eu havia imaginado. Ainda que fosse verdade que ali existissem tesouros escondidos eu jamais o

encontraria naquela imensidão. Realmente, "entrei numa fria", falei comigo mesmo. Primeiro, porque aquele serviço da lida com o gado não tinha nada a ver comigo. Segundo, porque estava mergulhando em mais uma utopia, com aquele sonho de tesouro encantado. Estava tudo acontecendo do mesmo jeito que aconteceu quando imaginei que indo para Curitiba, encontraria o meu eldorado, e facilmente realizaria os meus sonhos de sucesso. Voltei para o rancho decidido dar um basta em tudo aquilo.

Entretanto; os caminhos de Deus são realmente um mistério para nós. Ali estava, confinada naquela fazenda, uma força capaz de me acorrentar e subestimar todas as minhas angústias existenciais: era o amor. Tratava-se de Regina, filha do administrador da fazenda. Encantei-me quando a vi pela a primeira vez naquela tarde quando voltava desiludido da mata. Havia reencontrado novamente com o tal cupido, que andava distante de mim desde o tempo em que eu perdi meu amor próprio e me entreguei ao desânimo e ao alcoolismo. Já tinha ouvido muito falar em amor à primeira vista, mas nunca acreditei nessas coisas. Encontrei-me com ela por acaso, na trilha que ela fazia

quando voltava do pomar, que ficava a uns duzentos metros da sede da fazenda. Trazia um cesto cheio de frutas que havia colhido. Assustou-se quando me viu pelo fato de que ainda não me conhecia.

- Bom dia senhorita –disse-lhe em tom informal, procurando esconder minha admiração por sua beleza.

- Bom dia – respondeu-me ela.

Nesse instante pensei numa forma de puxar uma conversa com a menina para que aquele momento se prolongasse ao máximo. A única coisa que me veio à mente, disse-lhe de supetão:

- Sou o novo peão da fazenda. Estou instalado na pequena casa que fica logo acima do pomar.

- É, meu pai já havia falado a seu respeito – disse-me ela.

Naquele tom de informalidade ficamos conversando por cerca de uns dez minutos. A menina, entre outras coisas me disse que se chamava Regina e que tinha dezessete anos. Queixou-se em determinado instante que seu pai era um homem muito radical. Quando falou do pai, percebi uma mudança em seu semblante. Ficou instantaneamente preocupada.

- Tenho que ir agora. Se meu pai me ver aqui conversando com você ele me mata.

- Espere um pouco!

- Tchau! Disse ela apressada enquanto apanhava o cesto de frutas que havia colocado no chão da trilha.

Enquanto ela fazia o trajeto entre o pomar e a sede, paralisado eu a observava. Mil coisas se passavam por minha cabeça naquele instante. Havia me apaixonado verdadeiramente por aquela menina à primeira vista. E notei que havia uma certa reciprocidade em seu olhar enquanto conversávamos. Naquele momento jurei a mim mesmo que tudo seria diferente. Iria perseverar até o fim nas minhas buscas. Afinal a partir de agora havia dois tesouros para conquistar.

Logo de início percebi que aquele também não seria um tesouro fácil de se conquistar. Nos dias que se seguiram, sempre nos encontrávamos, no pomar da fazenda, auxiliados por uma "coincidência dissimulada", uma vez que ela subia para colher frutas, sempre nos momentos em que eu me encontrava em casa, no final da tarde. Eu, por outro lado, ficava aguardando o momento de sua subida ao pomar para simular mais uma "coincidência". Dessa forma, fomos nos

encontrando às escondidas para conversas cada vez mais apaixonadas, naqueles fins de tarde. Eram encontros ingênuos, sem a malícia que eu estava acostumado a vivenciar na cidade grande. Sentávamo-nos à sombra de uma árvore que ficava ao lado da trilha e ficávamos por deliciosos minutos conversando sobre coisas banais, buscando estabelecer um conhecimento mútuo.

Apesar da menina demonstrar um profundo interesse por mim, via-me sempre com reservas, pelo fato de eu ser um aventureiro sem rumo na vida. Conversamos por algumas vezes naqueles primeiros dias quando ela me contou que só havia tido dois namorados e que tudo se acabou porque em nenhum dos dois namoros tivera a aprovação dos pais que eram muito tradicionalistas.

Percebi que a coisa realmente seria difícil certa tarde, quando fomos surpreendidos enquanto conversávamos no lugar de sempre. Seu pai voltava a cavalo da vistoria rotineira que fazia diariamente, percorrendo a fazenda para verificar se estava tudo bem com o gado. Avistando-nos juntos de longe, o homem forçou seu cavalo e em poucos segundos de corrida

galopante, estava bem próximo a nós com seu cavalo ofegante, impondo-me um certo sentimento de medo. Com a voz alterada, o homem pediu que sua filha fosse embora para que ele pudesse conversar a sós comigo.

Ao ficarmos sozinhos o homem falou-me em tom de ameaça:

- Olha bem rapaz. Você aqui é um simples peão sem eira nem beira e eu tenho muito apreço por minha filha. Portanto; vai um conselho: fique longe dela! Não quero vê-la envolvida com um desconhecido qualquer. Afaste-se de Regina!

- Desculpe-me seu Eduardo. Apenas estava conversando com sua filha, que cordialmente me fez companhia por alguns minutos. Nada mais.

- Conversa fiada – disse ele em tom áspero – tenho reparado que você está de olho em nela e não tenho gostado nada disso. Portanto; esteja avisado: quero você longe de Regina ouviu?

Sem esperar meus argumentos, o administrador da fazenda esporou seu cavalo, partindo em disparada enquanto sua boca cuspia alguns palavrões e ofensas dirigidas a mim.

Naquele dia eu me senti novamente o mais pequeno entre os homens. Mais uma vez o mundo me esbofeteava com sua mão cruel. Como era triste o meu destino. Agora mais do que nunca eu me sentia infeliz pela forma como tudo havia transcorrido em minha vida. Senti uma enorme vontade de pegar um cavalo da fazenda e partir para a cidade, tomar mais um porre como quando eu fazia de costume para anestesiar a dor de minhas derrotas em Curitiba. Agüentei firme naquele dia e não cedi aos meus desejos de autocomiseração. Estava apaixonado. Ela jamais poderia me ver bêbado. Aí sim minhas chances iriam pro vinagre. Iria persistir ali. Mais do que pela promessa do tesouro enterrado sob aquele solo, havia a promessa de um amor à primeira vista que quando surge é como um raio que dissipa toda a escuridão de nossa alma. Não importavam os argumentos do seu pai. Não me importava que eu estivesse proibido de vê-la ou conversar com ela. Se eu pudesse somente ficar ali, sabendo que ela estava por perto, bastaria para que minha alma mantivesse acesa a chama da esperança. Eu havia vislumbrado o nascimento de uma paixão. Nada iria evitar que aquela sementinha continuasse a germinar. Havia percebido um

brilho especial nos olhos dela. E, por enquanto isso me bastava. Assim prossegui naquela fazenda em busca de um tesouro, que encontrado, conseqüentemente me traria um tesouro ainda maior: Regina. Se eu conseguisse meus intentos certamente o conceito do senhor Eduardo mudaria a meu respeito.

Logo nos primeiros dias de trabalho na fazenda, após verificar que eu não tinha nenhuma habilidade para lidar com o gado leiteiro, seu Ferrari – como era popularmente conhecido o fazendeiro - determinou que meu serviço seria o de auxiliar na vistoria do rebanho de corte. O serviço não seria difícil. Eu deveria apenas percorrer á cavalo a extensão da fazenda, principalmente à beira da cerca para verificar se não havia nenhum trecho quebrado pelos bois, se havia algum animal doente, acompanhar novas crias e outros detalhes ligados ao ofício. Sobrava muito tempo livre, para que eu, segundo suas ordens, conhecesse a extensão da fazenda. Estranhei aquela aparente mordomia oferecida pelo fazendeiro. No entanto, considerei como parte da metodologia utilizada para a minha adaptação à lida com o gado. Assim, após as vistorias matutinas, tinha o resto do dia livre para cavalgar pela fazenda.

É óbvio que aproveitei esses momentos para cumprir meus propósitos secretos. Todos os dias meu destino era um só. Pegar a folha de papel na qual tinha

as instruções que considerava muito vagas e indefinidas. De posse daquele texto obscuro, me embrenhava mata adentro em busca de uma promessa de riqueza fácil. Se é que se pode chamar aquilo de instrução, já que não tinha nenhuma informação concreta. No manuscrito; lia-se o seguinte:

INTRUÇÕES SECRETAS PARA
O TESOURO ENCANTADO

1 – Respeite a natureza. Estás diante da obra original do criador. Primeiro legado de sabedoria ao alcance dos homens de saber, criado diretamente pelas mãos de Deus para instrução acerca de suas leis e sua justiça na terra. Aprenda com os animais e as plantas e conhecerás o caminho para o tesouro. Os alimentos que os animais buscam no seu dia a dia consistem no seu verdadeiro tesouro. Só o homem ambiciona outros além destes. O tesouro dos animais baseia-se no seu estômago. O do homem, no seu coração. Essa é a diferença. E esses dois tesouros estão muito próximos, como o estômago está do coração. A Divina Providência supre as necessidades dos animais através

da harmonia criada na natureza que, longe da interferência humana é suficiente para garantir-lhes sustento, saúde e harmonia. Se a natureza dá o seu tesouro incondicionalmente aos animais, dos vermes aos grandes mamíferos, quanto mais o fará ao homem fiel aos seus desígnios. Da mesma forma ocorre com as plantas. São mantidas pela Divina Providência que as nutre, dando-lhes uma beleza que não pode ser comparada a nenhuma criação humana. Observando estes dois elos da natureza: os animais e os vegetais, sob o ponto de vista de que são assistidos pela Providência, criar-se-á um entendimento íntimo que lhe permitirá encontrar o caminho para o tesouro.

Aos pés de uma frondosa árvore que dá seus frutos amarelos como o ouro, estará enterrado o seu tesouro. Como reconhecer tal árvore? É a maior e a mais frondosa de todas. É a árvore da vida. Energia geradora de beleza saúde harmonia.

2 – Ouça a natureza. Tudo o que está oculto pode ser revelado por seus ensinamentos grandiosos imperceptíveis aos ouvidos do homem comum. Seguindo os conselhos anteriores isso se tornará

possível. Mas deve-se ouvir com os ouvidos da alma porque a natureza fala a linguagem dos sinais.

3 - Na natureza estão presentes quatro elementos. Ar, água, terra e fogo. No lugar onde se forem observados juntos estes quatro elementos: aí estará o tesouro. Somente através das pistas anteriores chegar-se-á a esse local secreto ao tronco de uma árvore frondosa e bela que produz frutos tenros e saborosos . Lembre-se: todo tesouro é encantado como diziam os antigos. Só pode achá-lo quem se fizer digno dele. Para encontrar a exata localidade onde os quatro elementos se unem há a necessidade de se observar pelo tempo estipulado os conselhos anteriores. O mais difícil de ser encontrado será o fogo. Conhecer, compreender e detectar o lugar onde brota o fogo será o propósito de toda a busca que culminará na descoberta do tesouro. O ar estará em todo lugar, a água segue em curso o rio que corta a mata e a terra estará sempre sob os seus pés quando estiveres galgando o caminho. Mas e o fogo? Onde estará? Decifre este enigma e o tesouro será seu.
Nota: Cada instrução deve guiar a busca por um mês.

Baseado nestas instruções, passei os três meses seguintes do meu exílio naquela fazenda. Executava minhas funções durante a manhã e passava o resto do dia no meio da mata seguindo à risca aquelas instruções. No decorrer desse tempo tive mais alguns encontros secretos com Regina, nos raros momentos em que seu pai ia até a cidade para comprar mantimentos. Apesar de demonstrar-se apaixonada, Regina sempre dizia que nosso amor seria impossível porque seu pai muito tradicionalista, jamais admitiria ver sua filha casada com um simples peão sem destino. Prometi a ela que não forçaria a barra. Reconhecia que seu pai tinha certa razão por não confiar sua filha única nas mãos de um aventureiro. Entretanto; prometi que faria de tudo para um dia tornar-se digno do seu amor. Disse-lhe que iria progredir um dia e que voltaria para buscá-la. Como todo apaixonado sempre acredita em coisas que parecem impossíveis, Regina disse que me esperaria demonstrando acreditar em minhas palavras.

E, assim transcorreram-se os três meses de minha busca pelo tesouro encantado, conforme descrevo a seguir:

PRIMEIRO MÊS

No primeiro mês fiz com determinação e persistência os conselhos do item número um. Aprendi a exercitar um respeito profundo pelas coisas da natureza como nunca havia feito antes.

Apesar de ser proveniente da zona rural nunca cultivei um respeito mais íntimo pelas coisas da natureza porque fui ensinado que a terra devia ser domada pelo homem para que a mesma possa produzir seus frutos, através de meios quase sempre antinaturais. Somente agora enxergava a natureza com outros olhos.

Durante esse mês pude compreender como se efetivava a complexa harmonia entre os elementos da natureza. E o quanto o homem havia destruído desse verdadeiro tesouro original. Aquela floresta ofuscava em minha consciência até o brilho do meu tesouro prometido. Demonstrava que uma sabedoria correta e precisa governava tudo aquilo de uma maneira harmônica apesar da intervenção humana em suas redondezas. Vi os pássaros e pequenos macacos remanescentes da dizimação humana, exercendo, a mercê de seu conhecimento, uma verdadeira obra

universal de recriação permanente de vida em abundância. Faziam parte de uma complexa cadeia alimentar em uma harmonia que, não fosse o homem, seria perfeita.

Os pequenos animais e as plantas da mata tinham à sua mercê um tesouro imensurável, dado gratuitamente pela Divina Providência. Sem perceber, plantas e animais executavam uma grande obra de manutenção contínua da vida como um todo. Reconheci quão tolamente agiu a humanidade a partir do momento em que decidiu construir seu destino sem estar em conformidade com as leis universais e naturais. Compreendi que tudo poderia ser diferente se o homem respeitasse realmente a natureza, exatamente como estava escrito na primeira linha daquele manuscrito que agora trazia no bolso.

Obviamente agora seria tarde demais para voltar atrás no caminho do progresso escolhido pelos homens que resultou na destruição de sua maior riqueza. Entretanto, a partir de agora eu agiria de forma agressiva para a preservação da natureza que resta. Iria respeitá-la como se fosse uma testemunha real da existência de Deus. Aprendi muito mais naquele mês,

observando as plantas e os animais, do que em toda a minha vida de luta cega em busca da realização dos meus sonhos. Aos poucos fui me tornando consciente de que, mesmo que não achasse o tesouro perdido, aquela aventura incomum estava transformando-me em um novo homem de uma maneira profunda e com uma rapidez inesperada.

Era tudo diferente do ritmo de vida a que eu estava acostumado. Aquelas tardes de contemplação mediante as forças originas da natureza, parecia fazer o tempo passar em câmera lenta. Os primeiros trinta dias pareceram um ano. Ao fim do mês eu não tinha ainda nenhuma noção de onde estava o tal baú com o tesouro. Mas estava feliz porque aprendi com a natureza muitas coisas boas e positivas.

SEGUNDO MÊS

Esse foi o mês mais difícil de minha busca porque a instrução dizia que eu devia ouvir a natureza. Somente isso. Tinha em mente que havia encontrado muitas riquezas que não estavam nos meus planos. Entretanto a riqueza prometida pelo senhor Pacheco permanecia absolutamente oculta. Procurava ouvir a natureza falar,

como dizia a instrução. Ouvia seu barulho incessante através dos animais, dos insetos, dos ventos, do rio... e não entendia nada. Notava que a vida clamava sem cessar, como se estivesse louvando as dádivas da criação. Aquilo tudo era muito bonito e até me trazia um sentimento de harmonia nunca antes alcançado. No entanto, a sua voz em nada ajudava em minha busca pelo tesouro. Tudo era muito bonito, mas a minha busca não era só aquilo. Precisava que a natureza me falasse a respeito do tal tesouro encantado. Tinha desejos de crescimento e expansão que só aquele tesouro prometido me proporcionaria.

Era bom aprender com os animais. Entretanto não me considerava um deles. Eu era um homem, animal racional que pensa e que sempre, certo ou errado, tem o desejo inato de criar à maneira de Deus. Isso que talvez fosse o grande mal da humanidade: a ambição; clamava continuamente em meu íntimo por atenção. São os conflitos eternos, comuns a todos os homens que já passaram por este planeta.

Finalmente após muita dedicação e empenho em meu propósito de ouvir a natureza consegui algum êxito. Aconteceu por volta do vigésimo dia do segundo mês.

Descobri extasiado que a natureza falava comigo através de sua linguagem universal: a linguagem dos sinais. O movimentar das formigas, o vôo das andorinhas, a excitação dos pernilongos: Tudo isso me dava a indicação de que haveria de chover em breve. Através destes e outros diversos sinais, pude compreender que a natureza falava. Finalmente! Estava começando a ouvir a voz da natureza. Falando sob a forma de sinais, ela aos poucos me revelava seus segredos.

Nesse tempo, a partir do momento em que passei a ouvir a voz da natureza, aprendi muitas coisas com ela. A coisa mais importante que a natureza me falou, entretanto, foi da realidade da existência de Deus. Entretanto essa foi uma conversa muito pessoal que eu não conseguiria descrever em palavras. Cabe a cada homem descobrir por si só como se conversa com a natureza e como se obtém as respostas que se deseja. Se eu contasse exatamente a forma como a mãe natureza me falou abertamente e em voz alta acerca da existência de um Poder que governa tudo através de leis infalíveis, muitos diriam que o isolamento me turvou as idéias. Além do mais; não ajudaria em nada as pessoas

a quem dissesse porque tal conversa não se baseia em nada que possa estar relacionado com os sentidos físicos ou com a razão. São os segredos da ciência incomunicável.

Havia aprendido muito com a natureza. Mas o tesouro ainda era o meu objetivo mais importante. E parecia cada vez mais distante à medida que eu passava o tempo aprendendo coisas que não queria, sem encontrar as coisas que eu buscava.

Por diversas vezes naquele mês, pensei seriamente em desistir de toda aquela busca, no que diz respeito ao tesouro propriamente dito. Só não o fiz porque afinal, estava apaixonado por Regina e a sua proximidade, ainda que sem o desejado contato pessoal, estimulava-me a prosseguir com meus intentos. Além do mais eu estava empregado na fazenda e tinha meu ganha pão enquanto executava minha busca.

TERCEIRO MÊS

Durante boa parte do último mês, executei minha busca apenas como uma sentença a ser cumprida em nome de um pacto que fiz com o tal senhor Pacheco. Afinal; o homem prometera uma recompensa se minhas

buscas não trouxessem resultados. Poderia ser o suficiente para que eu conseguisse levar Regina comigo para vivermos juntos. Assim, utilizei aquele contato para me aprofundar mais no contato com a natureza já que agora eu havia adquirido a capacidade de conversar com ela e descobrir grandes segredos ocultos. Parei de pensar um pouco no tesouro do senhor Pacheco e me dediquei totalmente ao tesouro interior que eu havia encontrado sem querer no meio daquela mata.

Só me animei de novo com a idéia de que o tesouro existia por volta da metade do último mês, quando, seguindo o curso do rio chamado rio dos índios que cortava a fazenda, ouvi o barulho das águas em uma cachoeira perdida na mata. Ao aproximar-me do local, tive a impressão de que eu havia juntado as peças do quebra-cabeça. Lembrei-me da instrução onde se lia que o tesouro estaria onde os quatro elementos se juntam ar, água, terra e fogo.

Havia decifrado o enigma. Ou pelo menos parte dele. Próximo àquela cachoeira eu podia realmente verificar o trabalho dos elementos juntos. Enquanto os pequenos animais bradavam em seus sons característicos, a força das águas batendo nas pedras

causavam um barulho ensurdecedor jogando partículas de água pelo ar. Bem próximo à margem do rio havia muitos pés de bananeira, aparentemente plantados pelas mãos do homem, já que não era uma planta nativa dessa região. Era a festa da macacada remanescente que vivia naquela floresta. Havia ainda uma série de outras árvores frutíferas cuidadosamente distribuídas naquele trecho da mata, próximo à cachoeira: jabuticabeiras, goiabeiras, amoreiras, caquizeiros e outras espécies frutíferas. Todas essas árvores, juntas, certamente foram plantadas por alguém que habitou naquele lugar. Alguns destroços espalhados como: restos de tijolos, pedaços de porcelana e outros materiais demonstravam que alguém já havia morado ali.

Jogado ao lado da imensa cachoeira, descobri restos de um moinho d´água. Tinha conhecimento através das lembranças de minha infância desses moinhos que utilizavam a energia da água, represada geralmente nas cachoeiras dos rios aproveitando o desnível do solo. Eram utilizados para a moagem de grãos ou para fabricação artesanal da farinha de mandioca. Agora, aqueles resquícios da civilização eram

utilizados pelos pequenos animais, remanescentes da agressão do homem. Aquela quantidade imensa de árvores frutíferas eram banquetes para os pequenos animais como os macacos, quatis, preás, tatus e muitos outros que eu já havia visto durante minhas incursões pela mata.

Foi observando toda aquela festa propiciada pelos animais que instantaneamente surgiu um clarão em minha mente.

- Ali estaria o tesouro – pensei.

Ansiosamente busquei as instruções que trazia no bolso e corri os olhos até o local em que se fazia uma alusão ao fato. Li atenciosamente o trecho que dizia:

"Os alimentos que os animais buscam no seu dia a dia consistem seu verdadeiro tesouro. Só o homem ambiciona outros tesouros além destes. O tesouro dos animais baseia-se no seu estômago. O do homem, no seu coração. Essa é a diferença. Estes dois tesouros estão muito próximos, como o estômago está do coração".

Muito próximos, como próximo está o estômago do coração – pensei. Aquilo fazia sentido. Com certeza o

tesouro estaria nas proximidades. Pensando nisso, li novamente o trecho do manuscrito que o descrevia:

“Observando estes dois elos da natureza: os animais e os vegetais criar-se-á um entendimento íntimo que lhe permitirá encontrar o caminho para o tesouro. Aos pés de uma frondosa árvore que dá seus frutos amarelos como o ouro, estará enterrado o seu tesouro. Como reconhecer tal árvore? É a maior e a mais frondosa de todas. É a árvore da vida. Energia geradora de beleza, saúde e vida...”

Agora, bastaria encontrar a árvore mais frondosa de todas. Andei por longos momentos de ansiedade procurando a tal árvore. Pela descrição eu deveria procurar por uma árvore frutífera.

Após uma longa procura encontrei uma árvore que julguei ser a maior de todas as encontradas naquele local. Era uma goiabeira gigantesca repleta de frutos maduros, amarelos como o ouro, exatamente como descrevia a instrução. Só podia ser ali. A goiabeira estava extremamente próxima à cachoeira e o barulho era ensurdecedor. Passei alguns momentos saboreando alguns de seus saborosos frutos enquanto lia

novamente o trecho que falava sobre os quatro elementos.

"Na natureza estão presentes quatro elementos. Ar, água, terra e fogo. No lugar onde se forem observados juntos estes quatro elementos: aí estará o tesouro..."

O trecho mais incompreensível, segundo minhas deduções, consistia no ponto em que se falava sobre o fogo:

"O mais difícil de ser encontrado será o fogo. Conhecer, compreender e detectar o lugar onde brota o fogo será o propósito de toda a busca que culminará na descoberta do tesouro. O ar estará em todo lugar, a água segue em curso o rio que corta a mata e a terra estará sempre sob os seus pés quando estiveres galgando o caminho. Mas e o fogo? Onde estará? Decifre este enigma e o tesouro será seu".

Li essa parte das instruções por diversas vezes sem entender absolutamente nada. Até que de repente imaginei que o fogo poderia ser representado pela luz do sol que também estava presente naquele local através de uma abertura naturalmente criada na floresta pela existência de grande um lago abaixo da cachoeira.

Aquilo me pareceu ser a resposta que buscava. Conscientizei-me de que havia decifrado o enigma quando li uma palavra escrita em sulcos no tronco daquela imensa goiabeira. Lá estava escrito com todas as letras: VIDA. Decidi naquele momento que iria cavar naquele local em busca do tesouro.

Como não tinha nenhuma ferramenta teria que voltar à sede da fazenda e prepara-me para a tarefa no dia seguinte, visto que o sol já estava quase a se por naquele momento.

Passei grande parte da noite excitado, com a idéia de que havia encontrado o meu tesouro. Pela primeira vez naquela noite passou pela minha cabeça a idéia de que aquele tesouro teria dono: o fazendeiro. Afinal, era ele agora era o dono da fazenda e, por conseguinte: dono do tesouro. E minha formação moral não permitia agir daquela maneira, apesar de lembrar-me de que o senhor Pacheco ter me dito no meio da conversa que o tesouro não tinha nada a ver com a fazenda. Seria somente meu se o encontrasse. Isso, entretanto, não aliviava um certo sentimento de culpa por estar fazendo aquela busca escondido numa propriedade privada. Lembrei-me que sempre que eu tomava uma decisão

importante no decorrer de minha vida, apareciam forças contrárias em minha mente, empurrando-me para o lado contrário dos meus objetivos. Decidi que dessa vez seria diferente: eu iria a te o fim. Nessas divagações entre a busca ao meu objetivo; entre o certo e o errado; adormeci.

No dia seguinte por volta das duas horas da tarde lá estava eu, sob a sombra da imensa goiabeira, com uma pá manual de escavação empunhada, em busca do meu tesouro. Cavei buracos por todos os lados da árvore durante todo o resto do dia. Não encontrei sequer um sinal do tesouro. Numa ânsia desesperada em busca do tal baú, nem vi o tempo passar. Quando percebi já estava anoitecendo. Resolvi parar. Continuaria as escavações nos dias seguintes até encontrar o meu tesouro. Desanimado e já sem forças, voltei para a sede da fazenda quando já era noite.

Naquela noite, ao cair na cama, simplesmente me apaguei em um sono profundo. Não sei se devido à ansiedade latente da minha busca frustrada, pouco antes do alvorecer, tive uma série de sonhos, todos relacionados ao tesouro perdido. Um deles porém, chamou muito minha atenção. Aconteceu um pouco

antes do despertar. No sonho eu estava a escavar o solo em um imenso buraco que já havia feito sob a árvore quando, de repente, ouço uma voz ressonante de um homem que estava à beira do buraco que, nesse momento já havia se transformado em um túnel escuro, no qual eu estava imerso.

- Paulo – dizia o homem misterioso, desista. O tesouro que estás buscando é verdadeiramente encantado e só conseguirás teu intento quando estiverdes apto a quebrar tal encanto.

- Como posso fazer isso? Perguntei.

-Poderás quebrá-lo somente de duas maneiras: pelo sofrimento ou pelo conhecimento. Escolhendo o sofrimento escavarás sem parar por toda a extensão dessa mata. Através desse sacrifício desesperado poderás por sorte encontrar o tesouro em alguns anos. Se por outro lado, escolherdes o caminho do conhecimento, deverás seguir fielmente as instruções e com sorte, no tempo prometido, encontrarás o que buscas.

- Qual das opções, devo seguir? – perguntei já sabendo qual seria a resposta.

- O caminho do conhecimento é mais suave e menos doloroso - respondeu-me a voz. Pelo sofrimento levará anos para encontrar o seu tesouro. Seguindo a senda do conhecimento revelado pelas forças da natureza, ainda poderás atingir o objetivo no prazo estipulado.

- Como posso fazer isso? – perguntei gritando a ele do fundo do imenso buraco.

- Deves buscar a mistura dos quatro elementos na sua forma sutil e não na forma grosseira – respondeu-me o homem.

- Como assim? – Insisti. Não entendo o que quer dizer.

- O ar, a terra, a água e o fogo, portanto, elementos superiores; não os ordinários, respondeu-me ele.

- Continuo não entendendo o que significa isso – insisti.

- Deves buscar os quatro elementos dentro de você – respondeu.

- Como conseguir tal intento?

- Não posso dar mais detalhes porque você deve ser digno do tesouro por seu próprio esforço. Apenas

posso falar a respeito do significado dos quatro elementos no homem: o fogo representa um forte desejo, a água representa o sentimento que o nutre e a terra representa a manifestação desse desejo mediante a lei universal irrevogável de causa e efeito.

- E o elemento ar? – Perguntei-lhe.

- O ar representa o éter, meio onde tudo se manifesta. Buscai e encontrareis a mistura dos elementos dentro de si. Esse é o segredo para o seu tesouro. Agora saia desse buraco porque o tesouro não está aí no escuro. Ele está na luz.

Estas foram as últimas palavras ditas pelo homem misterioso em meu sonho antes do despertar. Quando pensei em fazer mais algumas perguntas acordei assustado com a incrível lucidez vivida naquele sonho. Parecia um fato real. O buraco escuro do sonho mostrou um relevante contraste mediante a luz que agredia meus olhos pelo vidro da janela. Eram os primeiros raios do sol, anunciando o nascer de mais um dia.

- Quem seria aquele homem misterioso – pensava enquanto executava as tarefas matinais. E aquele sonho? Seria um fato sobrenatural ou um sonho comum como todos os outros que já tive? Não; aquele não era

um sonho comum baseado em minhas experiências já vividas pelo fato de que eu nunca havia estabelecido aquele conceito à respeito da natureza dos quatro elementos. Estas eram perguntas que ficariam provavelmente sem resposta para sempre. Seria melhor esquecê-las – pensei.

A partir daquele dia passei a agir em conformidade com o que havia proposto antes. Descobri que o tesouro não estava sob aquela goiabeira como havia deduzido naquele momento de desespero e ansiedade. Resolvi então continuar a seguir as instruções até acabar o período estipulado. Passei então as duas últimas semanas do mês seguindo as instruções de acordo com o sonho que tive. Agora consciente de que minha busca devia estar concentrada no meu interior, pois não adiantaria virar aquela mata de cabeça para baixo sem uma pista mais concreta a respeito do tesouro. E, quanto mais eu penetrava nos segredos do meu íntimo em busca dos quatro elementos, mais eu me sentia uno com a natureza e com a vida. Tinha um sentimento íntimo de que minha busca pelo ouro perdido não traria bons resultados, visto que o prazo estava se esgotando. Entretanto, agora eu já não

tinha a menor vontade de abandonar aquele plano de busca interior porque isso me mostrava coisas fantásticas do meu próprio eu até então ignoradas. Teria de passar muitas horas falando sobre as coisas que aprendi no contato direto com os elementos da natureza. Ia ser ignorado por muita gente, pois, como eu já havia compreendido, esta era realmente uma "ciência incomunicável". Só se aprende vivendo-a.

Eureka! Esse era o segredo da frase. Havia descoberto por conta própria que a tal frase mágica que me abriu as portas da fazenda faziam sentido. Estava inconscientemente aprendendo a ciência incomunicável

Esses últimos dias foram de constantes extremos em minha experiência. Ao mesmo tempo em que era afetado por um profundo desânimo em decorrência do insucesso em minhas buscas, era acalentado por uma imensa felicidade que tomava conta do meu ser à medida que executava as instruções do senhor Pacheco. Já tinha quase certeza de que não encontraria o tesouro encantado até o dia proposto. Por outro lado, a incursão interior, em busca dos quatro elementos, dentro do meu ser, trouxeram-me naqueles últimos quinze dias, a perspectiva de que não estava jogando

aquele tempo fora. Tive por diversas vezes, vontade de ficar ali para sempre admirando e aprendendo os segredos infindáveis da natureza. O tal tesouro poderia até ser uma utopia; entretanto tudo aquilo havia causado profundas transformações em meu íntimo. Sabia que nunca mais seria o mesmo. Havia conquistado um equilíbrio interior tão intenso que ofuscava o brilho do ouro dentro de um baú de cobre, procurando desde o dia em que encontrei o Sr. Pacheco na rua XV, em Curitiba.

Passei o resto daquele mês tentando entender as palavras do misterioso sonho que tivera. Busquei os quatro elementos dentro de mim incessantemente. Apesar de já ter noção de muitas coisas boas adormecidas no meu ser eu não fora capaz de descobrir o meu tesouro. E isso me deixava muito triste porque Regina, outro tesouro, também estaria fora do meu alcance.

Os três meses se passaram. No final, estava dividido entre a frustração e a certeza que não havia lutado em vão. Busquei o ouro e não encontrei. Em compensação aprendi muitas coisas boas e positivas para a minha vida. Havia encontrado um grande amor.

Tudo tinha valido a pena. Iria cumprir a parte final do pacto indo ao encontro do senhor Pacheco. Diante dele, iria fazer minhas colocações a respeito do que aconteceu. E cobrar uma explicação mais plausível.

Naquela semana, aproveitei para comunicar ao senhor Ferrari da minha saída da fazenda. Iria voltar novamente à capital para começar a vida de onde parei. Sabia que dificilmente iria esquecer meu grande amor. Entretanto, a vivência, perante os mistérios da natureza me ensinou até isso: que quem ama verdadeiramente uma pessoa, não tem sentimentos de posse. Prefere estar longe da pessoa amada se isso for o melhor a fazer no momento. Se houvesse um amor verdadeiro, tudo se encaminharia para unirmo-nos de novo. Tinha agora estas esperanças. A natureza havia me falado da existência de um poder que trabalha mediante leis infalíveis ordenando todas as coisas. Esse poder que satisfaz as necessidades de plantas e animais pode seguramente satisfazer os desejos nobres de um homem. Eu tinha agora essa filosofia de vida.

Na hora do acerto de contas, fui surpreendido por uma pergunta misteriosa feita pelo meu patrão:

- E então, conseguiu alcançar seus objetivos durante esse tempo?

- Como assim?

- A ciência incomunicável, respondeu ele.

Nesse momento pensei seriamente em contar-lhe tudo. Fui interrompido pelo temor de ser chamado de louco ou ainda pior: poderia ser acusado de espionar uma propriedade privada em busca de algo que, em suma, pertencia ao seu dono. Isso é claro, se o tal tesouro existisse. Preferi ficar calado. O que eu dissesse poderia ser prejudicial a mim mesmo, de uma maneira ou de outra. Seria chamado de tolo ou de usurpador.

- Não sei muito bem o que significa tal coisa – disse meio indignado, sabendo que não estava falando a verdade. O senhor não quis dizer o significado de tal frase quando aqui cheguei. Bem sei que sabia que eu não compreendia o que estava falando.

- Ora meu jovem! Se fosse fácil falar sobre tal coisa não teria esse nome. Imaginei que o Sr. Pacheco tivesse dado a você algumas instruções a respeito.

- Olha Sr. Ferrari, não quero falar mais nisso. Quero apenas acertar as contas e partir para Curitiba.

- Tudo bem. Quero dizer apenas que me simpatizei com você desde o princípio. Assim, se você não tiver sucesso novamente na cidade grande, quero que saiba que lhe darei o emprego novamente. É o mínimo que posso fazer.

- Posso assegurar-lhe que não voltarei porque descobri que não tenho o dom para o serviço na fazenda. Além disso, não existem boas perspectivas para a vida de um homem em se tratando de contentar-se em ser sempre um simples peão.

- Bem garoto! Se quiser posso arrumar um emprego na minha empresa de confecção.

O tal homem me surpreendeu. O homem realmente foi com a minha cara. Era a minha chance de continuar por perto de Regina.

- Você me contou que já trabalhou no ramo de confecções lá em sua cidade – continuou ele. Tenho algumas vagas abertas em minha empresa. Se quiser, pode começar a trabalhar amanhã.

- Tenho alguma prática na área, mas tenho outros sonhos para minha vida. O senhor bem sabe que o salário de costureiro é muito baixo.

- Qual o seu grau de instrução? Perguntou-me o homem.

- Estudei só até o Ensino Médio, antigo segundo grau. Depois fiz alguns cursos na área da informática, iniciei mas não terminei um curso de mecânica de máquinas de costura e...

- Tudo bem; então lhe ofereço um emprego como aprendiz na área administrativa da empresa. Se você for esforçado, pode progredir com o tempo.

Eu estava pasmo com a insistência do homem. Jamais alguém havia demonstrado tanto interesse e boa vontade para comigo, à exceção de meus familiares. Eu não podia deixar escapar aquela chance. Entretanto; deveria estar em Curitiba dali a dois dias. Tinha que encontrar uma maneira para segurar o emprego. Quase desisti da viagem. Entretanto; por uma questão de honra eu desejava ir até a capital para o encontro com o homem que me prometeu um tesouro que na sua concepção física e paupável, decididamente, não existia.

- Fico muito lisonjeado com sua estima senhor Ferrari. Gostaria de trabalhar em sua empresa No entanto; preciso ir a Curitiba resolver algumas questões que ficaram pendentes.

- Posso saber do que se trata?

Meio sem jeito, inventei uma desculpa que, em parte, encerrava uma parcela de verdade,ainda que metaforicamente.

- Tem uma pessoa me devendo um dinheiro há algum tempo em Curitiba. Preciso ir até lá para ver se recebo, visto que o cara prometeu-me que me pagaria por essa época.

- É muito dinheiro?

- Confiei-lhe muito dos meus esforços. No entanto, um pouco que me pague, será de grande valia.

- Pois bem. Faça como convier. Se resolver voltar, mantenho minha palavra de confiar-lhe um emprego por quinze dias. Depois disso, se não vier, contrato uma outra pessoa.

E lá estava eu novamente de vagem rumo à Curitiba para o encontro de acerto de contas com o tal senhor Pacheco. Por volta das sete da manhã do dia seguinte, desembarcava na estação rodoviária de Curitiba. Peguei ansiosamente um ônibus porque o encontro, segundo nosso pacto, deveria ocorrer ainda naquela manhã.

Por volta das dez horas da manhã, depois de pegar o segundo metropolitano, finalmente desembarquei na tal rua indicada há exatamente três meses atrás. Perguntei a alguns transeuntes, mas ninguém soube me falar a respeito do tal condomínio por aquelas bandas. Algumas pessoas chegaram até a manifestar uma certa ironia quando questionadas sobre a existência do local. Naquele momento, senti novamente que havia feito papel de idiota naquela história. Tive ódio de mim mesmo por ter acreditado em uma história tão absurda. Na certa aquele homem era um enganador. Nesse momento dúvidas e mais dúvidas pairavam em minha mente.

- Será que o tal homem seria um louco ou um gozador. Como pude cair nessa – pensava.

Envolvido nestes pensamentos continuei a caminhar quase que inconscientemente pela tal rua sem saber onde poderia chegar. De repente um susto e um calafrio toma conta do meu ser. O final da rua. À frente, um grande portão, totalmente aberto era o limite entre o final da rua e a entrada para um local grande, cercado por todos os lados.

Que local era aquele?

Um cemitério!

- Meu Deus que horror – pensei. Aquele velho sacana foi além dos limites da sacanagem. Tirou o maior barato, com a minha cara.

Pensei em voltar imediatamente para trás. Nesse instante parecia que havia uma voz interior que me dizia: entre!

Segui adiante. Decidi fazer o jogo macabro daquele homem até o fim.

- Disse-me que se tratava de um condomínio fechado. O cemitério é um condomínio fechado – pensei. Que velho sacana. Maldito seja!

Se for para fazer papel de tolo, ia até o fim. Segui adiante conforme a instrução do senhor Pacheco que há três meses atrás havia me dito:

- Siga em frente pela rua da entrada principal do condomínio. Ao final da segunda quadra dobre à esquerda. A segunda construção é minha morada.

Ao executar o percurso: o terror. Ali estava diante dos meus olhos um túmulo grande e bem trabalhado. Incrustada nele uma lápide com uma foto do Sr. Pacheco. Na parte superior da mesma uma frase: Aqui jaz Moacir Fernandes Pacheco.

Comecei a tremer da cabeça aos pés. Um terror incontrolável tomou conta do meu ser. Pensei em sair correndo dali naquele momento, mas minha curiosidade era maior. Olhei para as datas grafadas após a frase: O inacreditável! O homem havia falecido três dias antes do nosso encontro na rua XV. Loucura? Sobrenatural? Eu estava diante de um fato inexplicável. Passei longos minutos em estado de perplexidade diante do susto aterrorizante.

Depois de algum tempo, um pouco mais restabelecido do impacto profundo provocado por

aquela cena, pude me ater melhor ao restante do texto prescrito na lápide. Lá estava escrito:

"Arquiteto e empresário virtuoso que teve por ideologia a fé em Deus, a caridade cristã e o amor ao próximo, comprovada por suas inúmeras ações solidárias e testemunhada no seu livro 'EM BUSCA DE UM TESOURO ENCANTADO', que tantas pessoas ajudou a encontrar os grandes tesouros espirituais".

Eu estava diante de um enigma que precisava ser revelado. Aquilo tudo deveria ser analisado com calma porque eu estava diante de um fato sobrenatural. Havia tido contato com uma pessoa que já não mais estava vivo naquela manhã na rua XV, três meses atrás. E agora? O que fazer? O que pensar? O homem me disse que se eu não encontrasse o tesouro ele me daria uma recompensa. Já sabia por todas as evidências que não se tratava de uma recompensa material. Morto não paga dívidas. Entretanto; intuitivamente eu mais uma vez sentia que havia um sentido para tudo aquilo. A resposta mais uma vez surgiu em minha mente como um clarão.

- Claro! – exclamei em voz alta. A recompensa deve ser o tal livro descrito na lápide. Anotei o título do

tal livro. O nome tinha tudo a ver com a minha busca. De posse de tais informações; ainda um pouco atordoado, pelas circunstâncias, saí dali direto para o centro da cidade em busca do tal livro. Não foi difícil encontrá-lo. Já estava em sua quarta edição. Imediatamente comprei-o. Ia estudar o seu conteúdo para tentar compreender melhor, os motivos daquele contato sobrenatural com o senhor Pacheco.

Passei as duas semanas seguintes, trancado em meu quarto alugado em um pequeno hotel do centro da cidade, lendo aquele livro misterioso, onde o senhor Moacir narrava numa espécie de autobiografia, todos os segredos de seu despertar espiritual.

Logo na primeira página havia um texto velado acerca dos quatro elementos e sua ação sobre a alma humana. Estava escrito:

"O que está em cima é igual o que está embaixo; o que está fora como o que está dentro, baseado no princípio dos elementos: fogo, água, terra e ar. O fogo é uma vontade que consome, alimentada pela energia da fé; a água é um sentimento que nutre, mediante a força da esperança, resultando conseqüentemente na materialização, representada pelo elemento terra. E tudo

isso se manifesta mediante o veículo do éter (mundo das origens), representado pelo elemento ar. Com a compreensão destes segredos pode-se dominar o quinto elemento que consiste na energia original criadora do universo e descer aos abismos infernais mediante o seu uso incorreto; ou ascender aos céus inefáveis mediante o uso adequado. Este é um tesouro que vale muito mais que qualquer riqueza profana. Buscai e encontrareis. Aonde? Dentro de você mesmo".

Lembrei-me do sonho acerca dos quatro elementos sutis. Aquilo tudo começava a fazer sentido para mim. O doutor Pacheco referia-se o tempo todo a um tesouro interior. Só pude compreender o texto acima quando li todo o conteúdo do livro.

Logo ao final da primeira página do livro, quase no rodapé, havia em negrito, uma advertência do autor que dizia:

ATENÇÃO:

"Ninguém deve colocar em prática o conteúdo deste livro com espírito impuro. As páginas que se

seguem contém a sabedoria capaz de despertar os mais sublimes e terríveis poderes humanos. Consiste em um resumo do legado da sabedoria oculta das gerações; compendiadas dos tratados de ocultismo, magia, alquimia, cabala e da Bíblia. Se mal utilizadas, podem incorrer na perdição do espírito, levando o aprendiz ao mais terrível fim. Se bem utilizadas eleva o homem à categoria de venturoso filho do Grande Arquiteto do Universo".

Moacir Pacheco

Segundo o livro, o estudo oculto sempre têm início com base nos quatro elementos grosseiros da natureza: ar, terra, fogo e água. A partir de uma evolução interior o iniciado passa a estudar os quatro elementos sutis na natureza do ser humano através de uma analogia. O fogo representa o desejo, a vontade, a mudança, a transformação, a energia da ativação que em termos estritamente espirituais, pode ser representado pelo poder da fé. A água, segundo a maioria das correntes herméticas é relacionada às emoções do inconsciente; emoções que nutrem os nossos sonhos e ideais na vida; pode muito bem representar no processo espiritual construtivo, a energia

da esperança que alimenta e mantém ativa a fé ou a crença do iniciado. A terra representa, hermeticamente falando, o lado visível da vida ou a manifestação concreta de todas as sementes que germinam no mundo das idéias, mediante a ação concreta do iniciado. O ar representa o meio onde todas as ações humanas se realizam; o nosso mundo. Espiritualmente falando, representa o éter ou plano astral que, em linguagem mais moderna, pode muito bem ser representado por termos como: psique ou inconsciente.

Na análise do livro, todas as correntes herméticas expressam de modo mais ou menos complexos, todas as variantes da natureza humana exterior e interior, assim como o fazem os filósofos e os estudiosos da psique. Daí a origem da palavra pedra filosofal dos alquimistas. Elaborar a pedra filosofal então, segundo o livro, nada mais seria que controlar com sabedoria os processos psíquicos da alma.

Há entretanto uma notável diferença entre os estudiosos da psique e os hermetistas no tocante às relações entre o mundo interior e interior. Segundo a antiga ou a moderna psicologia, o mundo da psique exerce influência em nosso mundo sob a forma de

reflexos condicionados, capazes de estimular os processos criativos em sua forma positiva ou causar perturbações emocionais, transtornos ou doenças psicossomáticas em seu aspecto negativo. Nada além disso.

Para os hermetistas, entretanto, tudo o que experimentamos em nosso "mundo dos fenômenos" teve sua origem no mundo da psique ou mundo astral, como preferem chamar. Assim, modificando-se a psique ou remodelando-a de uma forma sistemática, pode-se modificar o mundo à nossa volta, que nada mais é do que um espelho que reflete exatamente aquilo que acalentamos em nosso interior.

O livro do senhor Pacheco apesar de dar ênfase a essa idéia de que refletimos como um espelho aquilo que cultivamos em nossa psique, deixa claro que as mudanças condicionadas através de práticas descritas em muitos tratados herméticos ou religiosos são perigosos porque não se leva em conta os hábitos arraigados em nossa alma desde a concepção. As diferentes condições físicas, ambientais e principalmente as concepções religiosas e culturais de cada um são fatores difíceis de serem transmutados

através de simples fórmulas, da noite para o dia. Assim, exercícios de mentalismo, orações e rituais, palavras de passe, mantras, não serão suficientes para apagar tendências psíquicas de toda uma vida da noite para o dia. Segundo o autor, é por isso que ele se baseia na alquimia da alma, onde o estudante deve trabalhar arduamente a pedra bruta de sua psique adquirida do inconsciente coletivo. E se for persistente poderá, talvez com o decorrer dos anos trabalhando em seu laboratório interior, ver ao final, como resultado, a sua pedra polida e lapidada; objetivo final do labor alquímico.

Em suma, o livro do senhor Pacheco encerra uma análise dos estudos filosóficos, teosóficos e metafísicos, acerca de determinadas leis que regem a vida humana. Creio que consegui uma relativa compreensão acerca de muitos aspectos da espiritualidade humana descritos no livro pelo fato de ter vivido a experiência solitária junto às forças da natureza. Notei que por acaso eu já havia deduzido muito daqueles processos da alquimia da alma nos momento de isolamento no meio da mata, em Cianorte. O senhor Pacheco havia me induzido a praticar o labor

alquímico, mesmo sem saber nada sobre alquimia ou hermetismo. De posse dos conhecimentos adquiridos em contato com a natureza, pude compreender os segredos alquímicos e secretos revelados no livro. Tenho absoluta certeza que, sem a incursão no interior da mata e, por conseguinte, no meu próprio interior, a leitura de tal livro na me teria grade valia.

Todo o conteúdo do livro era baseado num escrito antigo atribuído ao sábio egípcio de nome Hermes Trimegisto, contido em uma simples esmeralda; reconhecida pelo autor, como a síntese de toda a ciência hermética. Abaixo transcrevo o texto da tábua da esmeralda, retirado do livro do senhor Moacir:

"É verdade, correto e sem falsidade, que o que está em baixo, é como é em cima, para cumprir-se a Grande Obra. Como todas as coisas derivam-se da Coisa Única, pela vontade e pela palavra daquele Único que as criou, pelo poder de sua vontade, assim também tudo deve a sua existência a esta Unidade, pela ordem Natural, e tudo pode ser aperfeiçoado por adaptação àquela Origem.

Seu pai é o Sol; sua mãe a Lua, o Vento a transporta em seu ventre, sua nutriz é a Terra. Este ente é o pai de todas as coisas do Mundo. Seu poder é imenso e perfeito, quando novamente separada da Terra. Separas pois o Fogo da Terra, o sutil do denso, mas com cuidado, com grande habilidade e critério.

Ela sobe da Terra ao Céu e novamente desce à Terra, renascendo e assim tomando para si o poder de Cima e o poder de Baixo. Desta forma o esplendor do mundo será todo teu, possuirás todas as glórias do universo e quaisquer trevas afastar-se-ão de ti. Nisso consiste o poder poderoso de todo poder; capaz de vencer todo o sutil e penetrar tudo o que é sólido. Do mesmo modo o universo é criado. De lá vem as realizações maravilhosas, e seu mecanismo é o mesmo.

É por isso que sou chamado Hermes Trismegisto, possuindo poder sobre os três aspectos da filosofia universal. O que eu disse da obra-mestra da Arte Alquímica, a Obra Solar, aqui está dito e encerra tudo".

Segundo o autor, nestas linhas estão encerrados os mais secretos segredos da alquimia da alma.

Engraçado que em muitas partes do texto o autor recorre ao termo “alquimia da alma”, para demonstrar a forma como se opera em nós as leis herméticas. Segundo o senhor Pacheco, a verdadeira alquimia é aquela que consiste em aperfeiçoar a personalidade. Por isso é chamada por esse nome.

O livro não nega que houve ao longo do tempo uma série de “alquimistas” que levaram a cabo as experiências visando a elaboração da pedra filosofal e do elixir da longa vida em sua forma vulgar. Segundo os tratados dos alquimistas, através de uma série de processos de cocção, filtragem, volatilização, aliados a outros procedimentos complexos seriam capazes de elaborar tais produtos capazes de transformar metais inferiores em ouro ou adquirirem a vida eterna.

Deixando de lado essas facetas atribuídas aos antigos alquimistas, o livro concentra-se na tese de que os mais sábios alquimistas realmente descobriram a pedra filosofal e o elixir da longa vida através da prática da alquimia interior. Através de uma introspecção contínua aos recônditos de suas próprias almas, buscavam aperfeiçoar seu próprio ser atenuando os defeitos e acentuando suas virtudes. Assim

aperfeiçoando-se através de um labor contínuo, o alquimista da alma transforma todas as escórias de sua alma (representadas pelos metais inferiores) em ouro (metal considerado perfeito pelos antigos alquimistas).

Segundo o autor; os mais sábios e verdadeiros alquimistas não só descobriram e utilizaram estes segredos como também os conservavam velados para serem preservados daqueles que eles consideravam despreparados para concebê-los. Assim; para ser conservado e divulgado utilizaram-se da crendice natural dos povos de seu tempo, preservando através de signos e mitos. Dessa forma os segredos alquímicos atravessaram gerações, oculto pelo mais rigoroso sigilo, sendo divulgados apenas entre os chamados "iniciados", através de práticas místicas, denominadas Mistérios, sempre representados sob a figura de deuses, monstros ou mitos.

Há ainda no livro uma alusão às semelhanças entre as diversas correntes herméticas antigas, tais como a cabala, a magia, a maçonaria. Há uma série de indagações do autor sobre todas essas correntes. Denota-se porém uma profunda inclinação do senhor Pacheco pela Bíblia, considerado por ele o livro máximo

da ciência hermética. Segundo suas palavras "tudo" está lá. Utiliza os outros tratados, como a alquimia, no desenvolvimento da espiritualidade, embora os considere perigosos para os iniciantes despreparados. Há citações de trechos de obras dos mais famosos alquimistas de todos os tempos, tais como: Nicholas Flamel, Raimundo Lullo, Geber, Basílio Valentim, Paracelso e tantos outros.

A análise do texto da tábua da esmeralda, mencionado logo no início do livro é feita no transcorrer de todo o conteúdo do livro. Por isso; é muito difícil expressar em palavras os ensinamentos lá descritos. Pelo meu entendimento, de acordo com as premissas do livro, a tábua da esmeralda revela simplesmente que existe um mundo espiritual que reflete tudo o que existe no mundo material ou vice-versa já que tudo é uma coisa só. Todas as experieências positivas e negativas têm sua origem nos níveis mais elevados da consciência.

Apesar de compreender "em parte" os segredos revelados através da tábua da esmeralda, não ousarei confessá-los aqui em palavras porque tenho plena consciência de que realmente mergulhei em uma ciência

incomunicável que só pode ser decifrada mediante um labor contínuo da consciência; ainda assim, de forma parcial, de acordo com o desenvolvimento espiritual de cada iniciado. Descobri que não posso verdadeiramente ensinar a ciência sagrada, porque sempre correria o risco de ver minhas palavras mal interpretadas ou utilizadas de forma negativa. Apenas posso dizer que a tábua da esmeralda ensina a efetivar harmonia entre a matéria e o espírito através da elevação das virtudes e domínio dos vícios. Através da elevação espiritual consegue-se trazer o divino ao mundo através da consciência de que tudo é originário do Único e que devemos transformar nossa vontade na vontade Dele através da manutenção das boas virtudes. Dessa forma, ocorre em nosso íntimo o domínio de nossas paixões inferiores e uma perfeita homogeneização entre os três ingredientes do labor alquímico: o mercúrio, o enxofre e o sal filosóficos. O que dizer desses elementos? Apenas o que aprendi com o livro: o mercúrio é uma água e um espírito que dissolve e sublima o sal; o enxofre é um fogo e uma alma que guia e colore o sal. E o sal é uma terra e um corpo que se congela e se fixa. Aqui estão os três elementos utilizados nos laboratórios da alquimia

da alma: espírito alma e corpo. Tudo o que posso dizer a respeito da alquimia da alma está sintetizado aqui. Mais que isso não posso exprimir em palavras. O que posso fazer é o que estou fazendo: Narrar minha experiência para quem sabe, servir de base e estímulo a todos aqueles que desejam mudar o mundo da única forma em que isso é possível no verdadeiro sentido do termo: Mudando a si próprio.

No decorrer da leitura do livro, fui me conscientizando de que o tesouro encantado realmente existia. Não da maneira como eu esperava. Entretanto, intimamente reconhecia que o homem não havia mentido. Quis me mostrar através da exposição e estudo dos elementos da natureza a existência dos elementos sutis que regem a vida humana. Fiquei três meses buscando fora um tesouro que estava oculto dentro do meu próprio ser. Ele estava sempre ali, mas eu não o enxergava porque estava buscando apenas as coisas materiais. Estava consciente de que o homem queria me ajudar e não podia negar que realmente tudo aquilo me ajudou. E muito. Nesse período, além de ter me livrado imperceptivelmente do vício do álcool, havia conquistado uma paz interior e um sentimento de alegria

íntima há muito perdidos. A natureza mostrou-me um grande tesouro oculto em meu próprio íntimo. Oculto até então porque eu não havia descoberto que tudo o que está fora é apenas um reflexo do que está dentro de mim como me ensinou o livro do senhor Moacir. Tudo isso se confirmou quando fiz a junção do que aprendi na floresta, o rico conteúdo do livro e os textos bíblicos sugeridos ao final do mesmo. Sim; diferente da maioria dos livros que eu já havia lido até então, aquele misterioso escrito não encerrava-se em si mesmo. Trazia ao final uma indicação de textos bíblicos que segundo o autor, seria útil ao estudante para ajudá-lo a purificar o seu espírito. Não fazia parte do contexto do livro e devia ser lido à parte.

Amigo leitor,

Esta bela história não termina aqui.

Se você está gostando do livro, prepare-se para ler a parte final, disponibilizada gratuitamente em meu site pessoal.

www.acasadoaprendiz.com\ historalquimista.htm

Saiba como o jovem Paulo termina, de maneira magnífica a sua trajetória ao fazer a junção do seu aprendizado

na floresta com a leitura do livro e mais os belíssimos textos bíblicos indicados pelo Sr. Pacheco. O desfecho da história preserva uma grata surpresa ao leitor, justamente com a inserção dessas passagens especiais da Bíblia, cuidadosamente pesquisadas e meticulosamente ordenadas para que o objetivo principal dessa história seja atingido. Quem ler, verá!

Visite:

www.acasadoaprendiz.com\ historalquimista.htm

Obs: O final do livro está veiculado à pagina pessoal do autor com o objetivo de se acompanhar as estatísiticas de downloads, já que algumas bibliotecas virtuais não têm o controle de acesso. Isso não implica em nenhum custo para o leitor.

e-mails do autor:

aprendiz@acasadoaprendiz.com

ou

souaprendiz@hotmail.com

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.